

TECNOLOGIAS FEMINISTAS

ARTES, SABERES
E MULHERES
PLURAIS



TECNOLOGIAS FEMINISTAS: ARTES, SABERES E MULHERES PLURAIS

Organização: Larissa Macêdo

Lina Moreira, Jussara Santos, Teresa Teles,
Antonia Moreira, Mariana Rodrigues, Larissa Macêdo,
Caroline de Carvalho Souza, Yas Navarro Canabrava
e Cristiane B. Futagawa [Sushi]

16.02 a 30.03.2025

Sesc Interlagos

São Paulo
2025

Da sabedoria ancestral às produções científicas atuais: é entre essa vastidão de possibilidades que convidamos a professora e pesquisadora Larissa Macêdo para pensar uma curadoria possível que contemplasse, em parte, os eixos e as indagações levantadas pela exposição *NÓS – arte & ciência por mulheres*. Foram pouco mais de sete meses de uma exposição que mostrou, ao longo desse período, diversas formas de pensar o saber e as produções através de temas como a maternidade, o cuidado, a bruxaria, os feminismos, a medicina tradicional e popular e a educação, entre muitos outros. Em meio a produções historicamente minimizadas e suprimidas pelo apagamento sistemático imposto pela lógica patriarcal e eurocêntrica, foram propostos, nesses seis encontros, mais do que um ciclo de palestras e bate-papos; eles foram também um convite ao público à reflexão para além da materialidade visual da exposição, evidenciando as produções dessas mulheres, mães, cientistas, professoras, ativistas feministas e negras.

Sesc Interlagos

@sescinterlagos

TECNOLOGIAS FEMINISTAS: ARTES, SABERES E MULHERES PLURAIS

Larissa Macêdo

@larissacsmacedo

“Arte e ciência são substantivos femininos, assim como liberdade, resistência e rede”¹ (M’Baraká, 2024, p. 7). Tecnologias e artes também são substantivos e forças femininas que sustentam a nossa sociedade. Além de historicamente o significado e o peso simbólico dessas palavras não terem sido levados em consideração, esses campos de atuação foram, por muito tempo, sistematicamente negados às mulheres.

¹ Esta frase integra as primeiras páginas do catálogo da exposição *NÓS – arte & ciência por mulheres*, que ficou em cartaz no Sesc Interlagos, São Paulo, de 28 de agosto de 2024 a 30 de março de 2025. Os encontros *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais* e esta publicação homônima integram a programação educativa da exposição.

Na atualidade, ainda há barreiras para que as mulheres, em especial as negras e indígenas, acessem esses espaços não apenas como um lugar de direito e merecimento, mas, principalmente, como reparação histórica pela sua contribuição milenar para as ciências e as artes, ainda que muitas vezes exercida com liberdade restrita, mas sempre com muita resistência e em redes coletivas.

Contracolonizando² (Santos, 2015) o olhar hegemônico, para as mulheres negras a ação de construção de conhecimento é, na maioria das vezes, coletiva e em rede. Relembrando a filósofa e ativista Angela Davis, “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Davis apud Rivera, 2022)³. Esta última afirmação não é uma metáfora, mas sim uma ação político-social organizada e concreta, já que tudo é estabilizado – e pode ser desestabilizado – a

² Perspectiva contracolonial criada por Antônio Bispo do Santos (Nêgo Bispo), mestre do Quilombo do Saco-Curtume (São João do Piauí, PI). Em suas falas e livros, Nêgo Bispo afirma a contracolonização ao abordar as ações de resistência de comunidades quilombolas, indígenas e de outros grupos brutalmente afetados pela violência colonial no Brasil desde a invasão portuguesa em 1500.

³ “A frase foi dita por Angela Davis em 2017, em uma conferência na Bahia e em diversas palestras ao redor do mundo. Com a afirmação, Angela Davis explicou que as mulheres negras ocupam a base da pirâmide social capitalista. O movimento de mulheres negras para deixarem de ocupar essa posição geraria uma mudança na estrutura da pirâmide social dentro do capitalismo como um todo” (Rivera, 2022).

partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, que, organizadas, lideram e provocam mudanças sociais há séculos. Como é possível perceber, aqui o nosso foco não é tecnocrático, e sim crítico, evidenciando e alargando os saberes relacionados às tecnologias ancestrais, sociais e de articulação afrodiaspóricas estratégicas para o avanço da comunidade negra e de toda a sociedade.

Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais reúne contribuições de nove artistas, cientistas e pesquisadoras: Lina Moreira, Jussara Santos, Teresa Teles, Antonia Moreira, Mariana Rodrigues, Larissa Macêdo, Caroline de Carvalho Souza, Yas Navarro Canabrava e Cristiane B. Futagawa [Sushi]. Saberes preciosos e plurais que integram uma curadoria de encontros, a convite do Sesc Interlagos, pensada para dialogar com a exposição *NÓS – arte & ciência por mulheres*, que celebra a presença feminina nas artes e nas ciências ao longo dos séculos, bem como denuncia as ausências e nos provoca a pensarmos sobre elas. Rompe com os silêncios, ou melhor, faz um movimento de rasurar o rótulo de anônimo, para o qual a escritora Virginia Woolf nos alertou nesta frase: “Por muito tempo na história, anônimo era uma mulher” (Woolf apud M’Baraká, 2024, p. 3).

A curadoria partiu da seguinte provocação: Como pensar as tecnologias feministas de forma plural? Baseada nessa e em outras inquietações, o ciclo de encontros propôs debates, rodas de conversa, ações e práticas artísticas educati-

vas a partir da perspectiva de mulheres plurais: de artistas a cientistas. Para isso, foram abordados temas como as tecnologias sociais, ancestrais e trans; as artes visuais; a educação antirracista; a inteligência artificial e as redes sociais como disparadores que nos ajudam a repensar as artes; e as tecnologias, a ciência e a educação na atualidade.

Nossa intenção é celebrar e intensificar o diálogo com as tecnologias feministas negras (Borges, 2024, p. 43), como afirma a jornalista, professora e escritora Rosane Borges:

Não tenhamos dúvida: as tecnologias não hegemônicas (negras e indígenas) são trincheiras essenciais para o reposicionamento de velhas questões. Se os grandes temas da humanidade já foram postos, o que nos resta é reeditá-los sob novas colorações e entonações; ao que parece, a coloração do nosso tempo vem sendo dada pelas cores da técnica, cujos efeitos flamejam no horizonte do mundo de modo a reconfigurá-lo. Mas qual a reconfiguração possível? (Borges, 2024, p. 45)

Tecnologias feministas que ampliam a noção grega de *techné*⁴. Saberes e mulheres plu-

⁴ Na Grécia Antiga, *techné* significava arte, ofício ou técnica, referindo-se ao processo de fazer ou criar algo, de objetos a qualquer outro tipo de produção de conhecimento intelectual. Em termos filosóficos, *techné* era compreendida como um conhecimento prático e a capacidade de aplicar esse conhecimento para criar produzir resultados concretos.

rais que ressignificam sociopoliticamente esse conceito e se apropriam do termo tecnologia, agregando a ele os debates e práticas que apontam para a neutralidade das tecnologias em múltiplas camadas e a refutam, repensando a imaginação, a produção e o uso das tecnologias ancestrais e artificiais (Macêdo, 2024) pelas e para as mulheres, pessoas trans e não binárias. Como nos ensinou a escritora e professora bell hooks⁵ (2018), “O feminismo é para todo mundo”⁶. Aqui me refiro ao feminismo negro e o endosso.

A professora e pesquisadora Ruha Benjamin contribui com essa reflexão, salientando e conceituando a questão racial como tecnologia:

Como já argumentei anteriormente, podemos conceitualizar a própria raça como um tipo de tecnologia, aquela que cria universos sociais paralelos e morte prematura, e que requer manutenção e atualização rotineiras. A tecnologia não é apenas uma metáfora racial, mas um dos muitos meios pelos quais as formas anteriores de desigualdade são atualizadas. Por esse motivo, é vital que os pesquisadores façam um balanço rotineiro das ferramentas conceituais que usamos para entender a dominação racial. (Benjamin apud Silva, 2020, p. 16)

⁵ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A grafia em minúsculas tem a intenção de dar enfoque ao conteúdo da sua escrita, e não à sua personalidade.

⁶ Referência ao título do livro de bell hooks *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebadoras* (2018).

São saberes de mulheres plurais que, nas encruzilhadas das tecnologias, entre a inteligência artificial e as práticas artísticas negras nas redes sociais, desvelam o operador conceitual de Leda Maria Martins que nos possibilita compreender as artes e as tecnologias de forma interseccional, a partir da filosofia afrodiaspórica de Exu⁷, como pude partilhar no encontro que abriu o curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, e é possível de ser melhor compreendido no texto *Encruzilhadas: inteligência artificial e práticas artísticas negras nas redes sociais* (p. 22 a 28), que compõe esta publicação.

Saberes que ressignificam a inovação como tecnologia fundamental para o avanço das mulheres na contemporaneidade; afinal, como afirma a professora e pesquisadora Lina Moreira, em seu texto *Entre as promessas de inovação, que tal apostar no que há de novo nas tecnologias feministas?*

Os conceitos de inovação e de tecnologias feministas se conectam, na medida em que desafiam modelos hegemônicos e abrem espaço para novas possibilidades e formas de organização social, colocando em evidência o impacto da perspectiva de gênero na criação e no uso de soluções inovadoras. (p. 31)

⁷ Exu, o orixá das encruzilhadas. Uma observação importante para os termos de matriz afrodiaspórica: neste texto, a maioria das palavras de etimologia do continente africano foram grafadas de acordo com os usos e a linguagem falada da língua portuguesa no Brasil.

Isso é possível porque somos nós – as mulheres negras – as lideranças da educação antirracista. A professora e pesquisadora Jussara Santos afirma, em seu texto *Educação antirracista*, que “É fundamental a compreensão de que cuidar das relações raciais e contribuir para a construção de vivências livres do racismo é função de pessoas compromissadas com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva” (p. 39).

Relacionado a isso, temos o direito à memória, uma tecnologia ancestral fundamental para que possamos construir as nossas narrativas e coexistir na circularidade⁸ do tempo. A historiadora e pesquisadora Teresa Teles traz a força da oralidade como sankofa⁹ de cura. Em *Oralidades, aprendizagens e saberes na produção de narrativas negras*, Teresa nos ensina que “Histórias só existem se forem contadas, e o que contamos existe em nós e no mundo para sempre!” (p. 51)

⁸ Aqui nos referimos à noção de tempo espiralar, que, segundo Leda Maria Martins, trata-se do tempo de Exu. Uma noção de tempo ontologicamente experimentada com uma sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro (Martins, 2021).

⁹ Sankofa é um adinkra (sistema de símbolos e ideogramas) representado pela imagem de um pássaro que volta a cabeça à cauda. Representa o movimento de resgate de memórias e refere-se a um provérbio tradicional dos povos de língua akan, da África Ocidental (Gana, Togo e Costa do Marfim).

É preciso e é urgente contar as nossas histórias, tecnologia refinada que tem o poder de desestabilizar os saberes hegemônicos cisheteropatriarcais. A ativista e pesquisadora Antonia Moreira, em *Escritas de mim e subversão: memórias trans como arte e conhecimento*, apresenta as tecnologias trans como forças de ruptura e nos alerta de que é preciso “Reinterpretar a história – a nossa história –, portanto, é uma forma de tomar as rédeas desse processo de construção de subjetividades, recusando-nos a nos submeter às histórias únicas e fomentando outros caminhos” (p. 55).

Caminhos que atuam como resgate das “[...] experiências corporais e espirituais enraizadas em cosmovisões de matripotências afrikanas, especialmente nas cosmo percepções do antigo Kemet – território que conhecemos de forma colonizada como Egito” (p. 61), como nos chama a atenção a artista Mariana Rodrigues no texto *Pinturas vindas do inconsciente: experimentos com o abstrato*. Nele, ela destaca que a linguagem abstrata e o contato com o inconsciente são uma das principais tecnologias que dão vazão à sua pesquisa e que se manifestam por meio da pintura, ressignificando o uso de pigmentos naturais como elemento científico e poético de representação imagética, nos ensinando que é possível olhar palavras e sentir paisagens, e ampliando os nossos sentidos e olhares para o que é lido como tecnológico na atualidade.

Além das convidadas que integraram os encontros no Sesc Interlagos, esta publicação também conta com os textos da pesquisadora Caroline de Carvalho Souza (assistência de produção), da artista e designer Yas Navarro Canabrava (direção de arte) e da revisora e editora Cristiane B. Futagawa [Sushi] (preparação e revisão de textos), que compõem a equipe do projeto. Com seus saberes e participação, elas também fazem parte dessa curadoria e das ideias trocadas e fomentadas ao longo de todo o processo. Com isso, eu não poderia deixar de referenciar aqui a afirmação de Caroline, em seu texto intitulado *Tudo se deve a elas*, de que “Estamos fadados ao conhecimento, não como uma fadiga, mas como forma de sempre explorar novos caminhos e nos conectar ao que nos precedeu, especialmente entendendo como saber legítimo o que as nossas mulheres nos ensinaram” (p. 68). Referencio também as reflexões profundas de Yas Navarro Canabrava em *A invenção das mulheres*¹⁰, trazendo o pensamento de revolucionário da professora e pesquisadora Oyèrónke Oyěwùmí ao falar do “termo ‘cosmopercepção’ no lugar de ‘cosmovisão’ para tratar da lógica cultural de sociedades que, assim como a iorubá, privilegiam outros sentidos para além da visão” (p. 71). Por fim, cito um trecho do texto de Cristiane B. Fu-

¹⁰ Título do artigo de Yas Navarro Canabrava nesta publicação, referendando o livro homônimo da professora e pesquisadora oxunista nigeriana Oyèrónke Oyěwùmí (2021).

tagawa [Sushi], que nos relembra a escritora norte-americana Saidiya Hartman, que “fala da ‘história contada de dentro do círculo’, daquela que rejeita a visão externa da história oficial e é narrada a partir da experiência vivida, da memória encarnada e do ponto de vista daqueles que foram historicamente silenciados ou marginalizados” (p. 77).

Tecnologias são encruzilhadas e carregam ambivalências. Ao mesmo tempo que estão a serviço das necropolíticas (Mbembe, 2018), também podem ser revolução e resistência. Saudamos as tecnologias ancestrais e feministas das iabás¹¹, a ancestralidade feminina indígena brasileira e os quilombos, que, com seus saberes espiralados, nos mantiveram de pé. Repetindo a célebre frase da professora Eliane Cavaleiro, uma referência do movimento negro e da educação no Brasil, e que bradamos com alegria e orgulho ao longo dos nossos encontros, “Somos o sonho das nossas ancestrais!”. Axé 📍💡🌍

¹¹ Na filosofia afrodiapórica brasileira, as “iabás” (também grafadas como “yabás”) referem-se aos orixás que se manifestam como femininos. Essa palavra iorubá significa “mãe rainha” e é usada para designar as divindades femininas que representam forças da natureza, as provedoras da vida e o poder do matriarcado. Alguns exemplos são Iemanjá, Oxum, Oyá, Nanã, Obá e Yewá.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Ruha. *Race After Technology: Abolitionist Rools for the New Jim Code*. Cambridge: Polity Press, 2019.

BORGES, Rosane. Tecnologias feministas negras. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Laboratório de tecnologias e artes: perspectivas para contracolonizar o pensamento – encruzilhadas: tecnologias ancestrais e tecnologias artificiais*. São Paulo: [s.n.], 2024, p. 43-48. Livro eletrônico.

M'BARAKÁ (ed.). *NÓS – arte & ciência por mulheres*. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: M'Baraká, 2024.

MACÊDO, Larissa. *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais*. 2023. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40819>. Acesso em: 1 abr. 2025.

MACÊDO, Larissa (org.). *Laboratório de tecnologias e artes: perspectivas para contracolonizar o pensamento – encruzilhadas: tecnologias ancestrais e tecnologias artificiais*. São Paulo: [s.n.], 2024. Livro eletrônico.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIVERA, Raíssa. Angela Davis: frases marcantes da intelectual e ativista. *Marie Claire*, Feminismo, [s.l.], 15 set. 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/noticia/2022/09/angela-davis-frases-marcantes-da-intelectual-e-ativista.html>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SILVA, Tarcízio (org.). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afro-diaspóricos*. São Paulo: Literarua, 2020.

Como citar este texto (ABNT):

MACÊDO, Larissa. Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 4-9. Livro eletrônico.

11

Encontros

12

Autoras

22

Encruzilhadas: inteligência artificial e práticas artísticas negras nas redes sociais

Larissa Macêdo

29

Entre as promessas de inovação, que tal apostar no que há de novo nas tecnologias feministas?

Lina Moreira

38

Educação antirracista

Jussara Santos

46

Oralidades, aprendizagens e saberes na produção de narrativas negras

Teresa Teles

54

Escritas de mim e subversão: memórias trans como arte e conhecimento

Antonia Moreira

61

Pinturas vindas do inconsciente: experimentos com o abstrato

Mariana Rodrigues

67

Tudo se deve a elas

Caroline de Carvalho Souza

69

A invenção das mulheres

Yas Navarro Canabrava

76

A língua é viva

Cristiane B. Futagawa [Sushi]

78

Créditos

16.02

Encruzilhadas: inteligência artificial
e práticas artísticas negras nas redes sociais

Larissa Macêdo

23.02

Entre as promessas de inovação,
que tal apostar no que há de novo
nas tecnologias feministas?

Lina Moreira

19.03

Educação antirracista

Jussara Santos

16.03

Oralidades, aprendizagens e saberes
na produção de narrativas negras

Teresa Teles

23.03

Escritas de mim e subversão: memórias
trans como arte e conhecimento

Antonia Moreira

30.03

Pinturas vindas do inconsciente:
experimentos com o abstrato

Mariana Rodrigues



16.02.2025

LARISSA MACÊDO

Curadora, autora, mediadora e palestrante

**Encruzilhadas: inteligência artificial
e práticas artísticas negras nas redes sociais**

Larissa Macêdo é artista, curadora, professora, pesquisadora, doutora e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). É uma das criadoras do *projeto <ater>*, que busca evidenciar os impactos da inteligência artificial na produção de artistas negros e indígenas nas redes sociais. Também é professora nos cursos de graduação e pós-graduação de Licenciatura em Artes e Comunicação Social do Centro Universitário Belas Artes (FEBASP). Realiza palestras, cursos e oficinas com temáticas voltadas às diversidades, às redes sociais, à inteligência artificial, às novas estéticas e às práticas artísticas e curatoriais ativistas e multidisciplinares sob uma perspectiva negra e contracolonial brasileira.

23.02.2025**LINA MOREIRA**

Autora e palestrante

Entre as promessas de inovação, que tal apostar no que há de novo nas tecnologias feministas?

Lina Moreira é publicitária e pesquisa a percepção da inovação, é coautora do livro *Publicidade antirracista* e foi finalista do Prêmio Jabuti 2020. É docente no Centro Universitário Belas Artes (FEBASP) e no Instituto Sumaúma, além de integrar a Diretoria de Diversidade e Inclusão da Associação dos Profissionais de Propaganda do Brasil e a Diretoria de Educação do coletivo Publicitários Negros.

Foto: Maya Moreira





09.03.2025

JUSSARA SANTOS

Autora e palestrante

Educação antirracista

Jussara Santos é uma das organizadoras e autoras do documento *Currículo da Cidade – Educação antirracista – Orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros*, lançado em 2022 pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Atuou no Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no fomento de práticas antirracistas. Toca tambor no bloco afro Ilú Obá De Min e é doutora em Educação e Relações Étnico-Raciais. Pesquisa relações raciais e construção de práticas antirracistas. Também é autora do livro *Democratização do colo: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas* (Papyrus Editora, 2025).

Foto: Angélica Alves

16.03.2025**TERESA TELES**

Autora e palestrante

**Oralidades, aprendizagens e saberes
na produção de narrativas negras**

Teresa Teles é tocadora de alfaia, historiadora, mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades – USP. Coordenadora executiva e pesquisadora do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – USP, atuando principalmente nos seguintes temas: questões étnico-raciais, narrativas e produção de memória negra, ações afirmativas e implementação das comissões de heteroidentificação. Na área cultural, é percussionista e liderança do naipe alfaia do Ilú Obá De Min, Educação, Cultura e Arte Negra, atuando também como gestora financeira da instituição.

Foto: Osmar Moura



**23.03.2025****ANTONIA MOREIRA****Autora e palestrante****Escritas de mim e subversão:
memórias trans como arte e conhecimento**

Antonia Moreira é escritora, estrategista criativa e ativista brasileira. Formada em Publicidade e Propaganda pela PUC-Campinas e mestranda em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Atualmente, atua como diretora-executiva no Ateliê TRANSmoras.

Foto: Franka

30.03.2025**MARIANA RODRIGUES**

Autora e palestrante

Pinturas vindas do inconsciente: experimentos com o abstrato

Mariana Rodrigues nasceu em 1995 em Osasco, SP, e é artista visual e designer. Sua pesquisa e produção artística se constituem a partir da pintura dentro da linguagem abstrata, fazendo relação com o estudo de práticas corporais e ancestrais de cosmovisão de matrizes afrikanas e do Antigo Kemet (Egito), nas quais corpo, mente e espírito são compreendidos como uma unidade. Seu trabalho já foi exposto em importantes instituições brasileiras, como Pinacoteca de São Paulo, Itaú Cultural, Museu de Arte do Rio – MAR e Instituto Tomie Ohtake.

Foto: Nana Lucarini





CAROLINE DE CARVALHO SOUZA

Autora e assistente de produção

Tudo se deve a elas

Caroline de Carvalho Souza é formada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Belas Artes (FEBASP). Atua no mercado publicitário, nas áreas de planejamento e conteúdo, desenvolve pesquisas e trabalhos com foco em temáticas sociais, como o de iniciação científica *A representação quilombola nas mídias digitais e alternativas* (2023), e o de conclusão de curso (TCC) *Aplicativo Manguezeira: a comunidade de publicitárias nordestinas em São Paulo* (2024).

Foto: Matheus Moreira Ferreira

YAS NAVARRO CANABRAVA

Autora e direção de arte | publicação digital

A invenção das mulheres

Yas Navarro Canabrava é pesquisadora e designer. Mestranda no programa de pós-graduação interdisciplinar da FAU-USP, onde também se formou em Arquitetura e Urbanismo, investiga o desenho e a composição artística em diferentes escalas e suportes, atuando entre os campos da direção de arte, arquitetura e design. É também bacharel em Design de Espaço pela University of the Arts London e graduanda em Filosofia na FFLCH-USP. Sua trajetória profissional reúne referências diversas, o que contribui para a construção de uma abordagem multidisciplinar em seus projetos.





CRISTIANE B. FUTAGAWA [SUSHI]

Autora, preparação e revisão de texto | publicação digital

A língua é viva

Cristiane B. Futagawa [Sushi] é graduada em Filosofia pela USP e em Direito pela Universidade Mackenzie, e pós-graduada em Editoração pelo Instituto Singularidades. Atua há quinze anos na área editorial do Museu da Imagem e do Som, do Paço das Artes e do MIS Experience. Trabalha como revisora de textos desde 2011, além de realizar produção gráfica e editorial de projetos diversificados. Integra o Conselho Editorial da Coleção eXtremidades, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

TEXTOS

ENCRUZILHADAS: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PRÁTICAS ARTÍSTICAS NEGRAS NAS REDES SOCIAIS 🔥

Larissa Macêdo

@larissacsmacedo
projetoater.com.br

Quais pessoas, práticas artísticas e científicas, contextos e saberes estão envolvidos na criação de tecnologias? Quem está visível nas artes, nas ciências e nas redes sociais? Como e para quem se está visível nessas plataformas digitais que são compostas por sistemas de inteligência artificial? Esses são alguns dos questionamentos que deveríamos fazer todos os dias, pois nos fazem tensionar o visível como conceito universal e a visibilidade como consequência de agenciar um perfil nas redes sociais. Tal qual acontece fora desses aplicativos, a visibilidade

enquanto conceito neutro não se aplica à experiência de mulheres negras tanto no campo das artes quanto no das ciências.

Isso porque as redes sociais e as políticas algorítmicas atuantes nesses espaços reforçam estas ambivalências nos apps das redes sociais: ao mesmo tempo que dão certa visibilidade a cada comunidade agenciada por um perfil, tiram-na pela força e ação do racismo algorítmico nesses aplicativos. Com isso, para pensar as práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais, é preciso tensionar os regimes de visibilidade e invisibilidade presentes nesses espaços. Afinal, são os algoritmos que determinam como e para quem se está visível nessas plataformas.

Por conta das violências racistas cisheteropatriarcais, esse jogo entre visibilizar e invisibilizar no campo das artes parece se dar mais a partir das fragilidades impostas do que pelas potências dessas pessoas. Segundo Diane Lima, no projeto *Diálogos ausentes e a curadoria como ferramenta de invisibilização das práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras*:

Toda essa trama infere decisivamente nos regimes de visibilidade e invisibilidade, nas noções de belo, bom gosto e mau gosto e no julgamento estético tanto de uma obra artística quanto da prática curatorial como ferramenta institucional de produção de conhecimento, documentação, validação e registro histórico. Pois qual sala principal está disposta a ver a dor do lamento? Qual auditório nobre está disposto

a ouvir o canto ao divino? Qual biblioteca quer rasurar suas páginas com os contos da cozinha? Quem quer ser atirado ao passado ao ver projetado o movimento da imagem da travessia? Que palco quer ver remontado o mito da miscigenação racial e o eugenismo de Lobato e Nina? Que vernissage vai querer perder seu status de ter “só gente bonita”? Em que elevador cabem as contas dos colares de santos? Que porta permite a roupa branca suja de dendê no quinto dia? (Lima, [2016], p. 3)

Ao falar de visibilidade, falamos também de invisibilidade como encruzilhadas; uma não existe sem a outra. Uma relação interdependente e interseccional que não possui uma lógica exata e, por isso, revela tensões e contradições. Há muitas noções de invisível; aqui interessa-nos, principalmente, a noção de invisibilidade como verbo, como ação sociopolítica e tecnológica que reforça e promove exclusões e apagamentos na sociedade e nos sistemas de inteligência artificial das redes sociais.

Para corpos negros, o tensionamento entre visibilidade e invisibilidade nas redes sociais se dá a partir do seguinte paradigma: ao mesmo tempo que esses aplicativos, de certa forma, dão visibilidade, no contexto das comunidades criadas por essas pessoas nesses apps, também reproduzem as opressões e as invisibilidades sociais. Afinal de contas, considerando a mediação algorítmica nesses espaços, para quem e com que frequência as publicações de artistas, curadores, arte-educadores e demais trabalhadores da arte negros estão sendo exibidas? Que tipo de ação algorítmica

pode ser implementada para que os conteúdos compartilhados por essas pessoas tenham índices de alcance e engajamento equalitários dentro desses apps?

Essas questões nos remetem também ao argumento da liberdade de expressão, uma discussão frequente relacionada à regulamentação das plataformas sociais digitais e, coincidentemente ou não, um argumento capturado e distorcido pelos movimentos de extrema-direita para legitimar violências e abusos nesses espaços. Se, por um lado, a lógica das redes sociais permitiu que cada vez mais pessoas pudessem compartilhar suas ideias e afetos, por outro a visibilidade dessas postagens nesses sistemas não segue o padrão igualitário, ou seja, nem tudo que é postado é visto, ou melhor: para quem e quando se está efetivamente visível nesses apps? Diante disso, em *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas* (2019), o professor e pesquisador Sergio Amadeu da Silveira propõe que fiquemos atentos à liberdade de visualização, que é tão fundamental quanto a liberdade de expressão: “Todas as pessoas têm o direito de ver, ler e ouvir conteúdos políticos sem que sejam filtrados por algoritmos cujos critérios e parâmetros de operação são ocultados ou ofuscados pelas plataformas onde ocorrem os debates públicos” (Silveira, 2019, p. 44).

Rosane Borges afirma que “visibilidade é poder”. Poder que vem sendo conquistado pelas mulheres negras, por exemplo, conforme elas vão conseguindo

romper a invisibilidade estrutural imposta a elas. As redes sociais têm um papel importante nesse processo. Segundo a pesquisadora Dulcilei da Conceição Lima, no artigo “O feminismo negro na era dos ativismos digitais”:

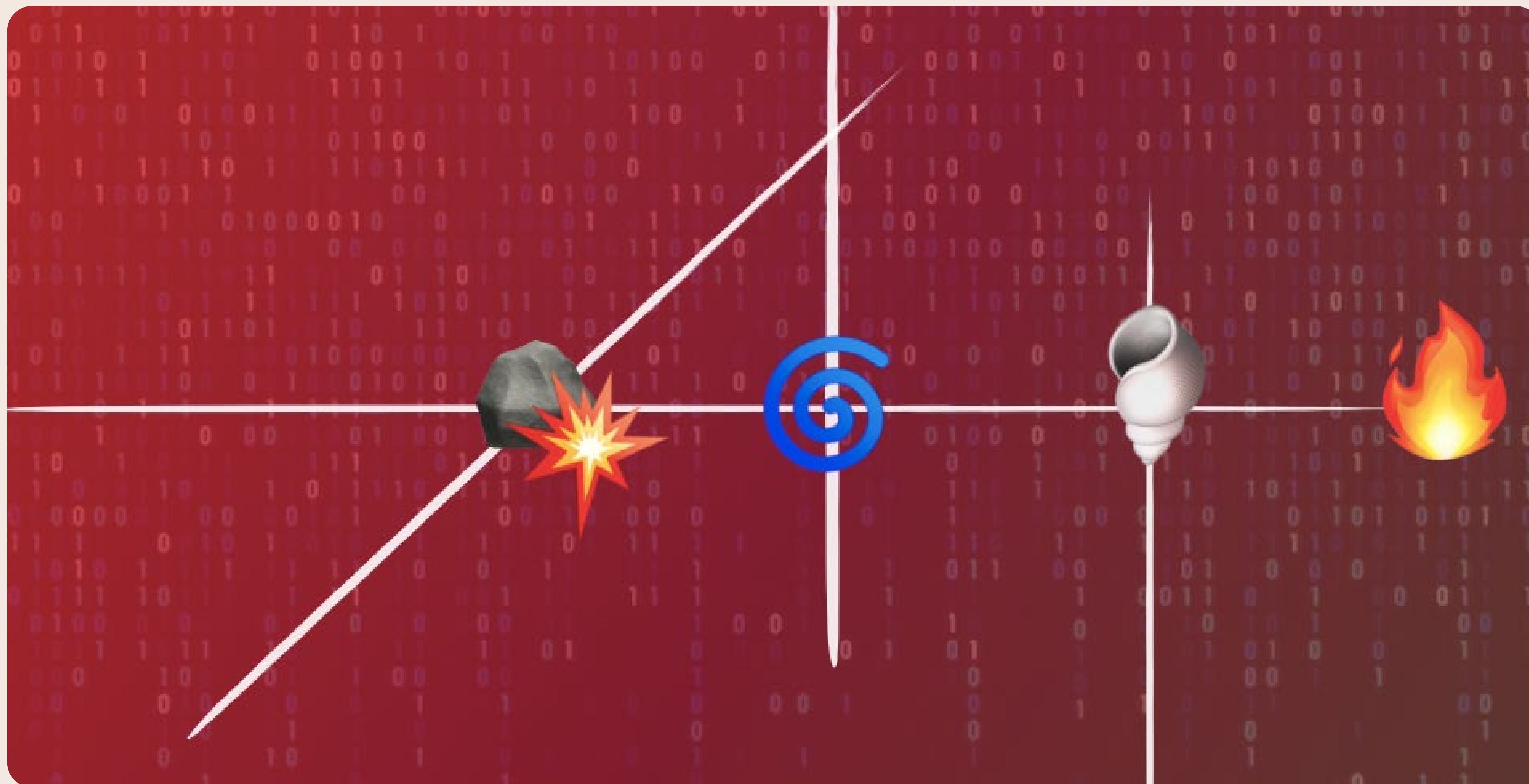
Ao mobilizarem reflexões acerca de assuntos como racismo, machismo (além de outros como lesbofobia, transfobia, gordofobia), a partir de experiências pessoais, situações cotidianas, casos midiáticos e tendo por base a produção de acadêmicas negras brasileiras e estadunidenses, as mulheres negras que utilizam as ferramentas da internet como meio de atuação têm desenvolvido uma produção que confronta as bases epistemológicas de orientação etnocêntrica, constituindo contranarrativas ao discurso hegemônico que invisibiliza e silencia a experiência negra e feminina. Essa produção, pautada principalmente em narrativas próprias, tem ganhado um alcance imensurável e formado uma rede de informações e compartilhamentos sobre tais histórias. (Lima, 2019, p. 60)

É importante lembrar que as redes sociais, ao se autodenominarem “tecnologias neutras”, mascaram e não expõem as lógicas e pesos dos algoritmos de hierarquização, visibilização e invisibilização de mensagens e conteúdos, ainda que impactem os regimes de visibilidade e invisibilidade desses aplicativos. Apesar disso, *hashtags*, *trending topics* ou assuntos em destaque exibidos por essas pla-

taformas sociais digitais dão mais visibilidade a determinados temas e influenciam as narrativas em pauta nessas comunidades on-line, que, por vezes, transbordam para as demais mídias.

Ao construírem narrativas em primeira pessoa nessas plataformas sociais digitais, artistas, curadores, arte-educadores e demais trabalhadores das artes negros buscam dar visibilidade a suas trajetórias, afetos, desejos, práticas artísticas e potências que carregam, multiplicam e que estão ausentes dos grandes meios de comunicação. Como afirma Djamila Ribeiro, “A internet é o espaço que as mulheres negras encontraram para existir, já que a mídia hegemônica nos ignora” (Ribeiro apud Lima, 2019, p. 1). Portanto, entender as relações de invisibilidade e de visibilidade nas práticas artísticas e curatoriais compartilhadas por artistas, curadores e arte-educadores negros nessas plataformas sociais digitais é fundamental para compreender o contexto das redes sociais, da inteligência artificial e da produção de arte contemporânea nos anos 2020. Trata-se de práticas artísticas que utilizam as redes sociais para evidenciar e tensionar questões raciais, de gênero, sociais e culturais na sociedade brasileira e no sistema da arte.

A encruzilhada entre arte, redes sociais e inteligência artificial é fundamental para pensarmos as práticas artísticas negras compartilhadas nas redes sociais



Encruzilhadas: artes, redes sociais e inteligência artificial, Larissa Macêdo, 2023

na atualidade. O operador conceitual das encruzilhadas, tal qual propõe Leda Maria Martins, permite compreender as práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais de forma interseccional, considerando tanto o território em que essas práticas são compartilhadas quanto as possibilidades de leitura da produção artística afrodiáspórica brasileira.

O conceito de encruzilhada combate qualquer forma de absolutismo hegemônico ou não. A potência da encruzilhada é o movimento dinâmico enquanto sendo o próprio Exu. Essa perspectiva emerge não apenas para expor as potências e as contradições das práticas artísticas negras compartilhadas nas redes sociais, como também para evidenciar a encruzilhada como perspectiva para lermos a arte, as redes sociais, a inteligência artificial e o mundo a partir das potências de Exu, que encarna e mobiliza a própria encruzilhada. Como Exu Enugbarijó¹, as práticas artísticas nas redes sociais são uma transgressão, e não apenas uma subversão; Exu atua sem a pretensão de exterminar o outro, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo e transformá-lo.

¹ “Exu Enugbarijó, uma das noções de Exu que nos diz que se engole algo de um jeito para devolver de forma transformada. Essa é a máxima da encruzilhada de Exu Enugbarijó, o senhor da boca coletiva ou a boca que tudo come: engolir de um jeito para restituir de outro.” (Macêdo, 2023, p. 63)

É importante ressaltar que as práticas artísticas negras compartilhadas nas redes sociais, os processos comunicacionais e os elementos poéticos e estéticos inerentes a esses apps determinam as maneiras de criar e articular postagens. Posts que atuam de forma a construir e agenciar uma comunidade on-line em torno dos trabalhos desses artistas, com o intuito de gerar afinidades, trocas, circulação e até mesmo a venda de trabalhos, produtos e serviços.

Dessa forma, o contexto do trabalho artístico é a rede, o conteúdo e o modo como a obra é criada e compartilhada nesses aplicativos. O artista se firma como criador de conteúdo nos formatos determinados por essa rede social, e sua ação agencia uma performance coletiva intencional ou não. O compartilhamento, como vetor predominante desses espaços, é a força motriz dessa performance, que acontece de forma coletiva não apenas com as demais pessoas da comunidade on-line agenciada pelo perfil do artista, como também por todos que fazem parte dessa rede social através das lógicas algorítmicas que determinam e interferem em como, quando e para quem o post compartilhado irá performar. Com isso, o artista, como agenciador desse processo artístico e comunicacional, não está isolado nessa proposição artística; é na cocriação e na troca com os que fazem parte de sua comunidade on-line e com a interferência do sistema de inteligência artificial que a prática artística se realiza. Uma encruzilhada de trânsitos contínuos. A rede

social como boca que tudo come (Macêdo, 2023) compõe, dinamiza e devolve de forma transformada uma prática artística viva, que performará de diversas formas e nas temporalidades determinadas pelos algoritmos desses sistemas e pelo tempo de contato de cada um com cada postagem compartilhada.

Nas práticas artísticas das redes sociais, assim como encruzilhadas, a intensividade da interatividade é fundamental para que as postagens sejam agenciadas nas comunidades on-line. Esse agenciamento faz parte da performance coletiva em rede que é articulada a partir de cada post. Como Enugbarijó, em sua ânsia de transformação e fome intensiva, as redes sociais e seus sistemas de inteligência artificial estimulam essa intensidade. Trata-se também de uma encruza relacionada a uma característica desse modelo de negócios, uma estratégia mercadológica das *big techs* para que haja geração de dados e a permanência nesses espaços pelo maior tempo possível.

As práticas artísticas compartilhadas nas redes sociais, como as encruzilhadas, estão em constante transformação; não se entendem como universais, embora façam parte de um sistema de inteligência artificial com códigos que as universalizam. Com isso, a produção artística negra nas redes sociais, além de contestar o padrão hegemônico tanto na presença desses corpos quanto nas articulações

que esses posts produzem, tenta destituí-lo. A questão que fica aqui, fazendo um paralelo com a célebre frase da escritora e ativista Audre Lorde² (2019), é: Será que as ferramentas do senhor podem dismantelar a casa-grande? A autora afirma que não, ao pensar as experiências das mulheres negras em nossa sociedade. Nós acreditamos que, apesar de não as dismantelar, podem ser um dos caminhos capazes de apontar para uma desconstrução, uma estratégia de infiltração sociopolítica que lança sementes e reflexões que extrapolam as redes sociais. Porém, é importante frisar que esse não pode ser um movimento único e isolado; é preciso mais que apenas refletir.

Por isso, contracolonizar é uma ação urgente dentro e fora das redes sociais, como nos ensina Nêgo Bispo (2023). É preciso evidenciar que as práticas artísticas negras brasileiras compartilhadas nas redes sociais são uma forma de contracolonização, criadas e compartilhadas em um ambiente que reproduz os racismos em todas as suas vertentes. São ações artísticas transgressoras; porém, essas articulações nas redes sociais, por si só, não são suficientes para realizarmos a transformação social de que precisamos. Exu é a encruzilhada, nunca uma mão única; é a ruptura da mão única.

² “As ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa-grande”.

REFERÊNCIAS

LIMA, Diane. *Diálogos ausentes e a curadoria como ferramenta de invisibilização das práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras*. [s.l]: Itaú Cultural, [2016]. Disponível em: http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2017/01/di%C3%A1logosausentes_dianelima-rev_02.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

LIMA, Dulcilei da Conceição. Feminismo negro na era dos ativismos digitais. *Conexão Política*, Teresina v. 8, n. 1, p. 49-70, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/conexaopolitica/article/view/9388/0>. Acesso em: 30 jun. 2023.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. São Paulo: Autêntica, 2019.

MACÊDO, Larissa. *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais*. 2023. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/40819>. Acesso em: 1 abr. 2025.

MACÊDO, Larissa (org.). *Laboratório de tecnologias e artes: perspectivas para contracolonizar o pensamento – encruzilhadas: tecnologias ancestrais e tecnologias artificiais*. São Paulo: [s.n], 2024. Livro eletrônico.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Piseagrama: Ubu, 2023.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

Como citar este texto (ABNT):

MACÊDO, Larissa. Encruzilhadas: inteligência artificial e práticas artísticas negras nas redes sociais. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 22-28. Livro eletrônico.

ENTRE AS PROMESSAS DE INOVAÇÃO, QUE TAL APOSTAR NO QUE HÁ DE NOVO NAS TECNOLOGIAS FEMINISTAS?

Lina Moreira

@linamoreira.a

Há grandes chances de você ler o título deste texto rapidamente e considerar que o termo inovação está relacionado a um imaginário de artefatos tecnológicos. Errado não está, mas deixa eu te contar: essa é uma compreensão limitada se considerarmos que a palavra inovação carrega vários sentidos para atender as necessidades sociais e culturais do momento em que vivemos.

Não há como falar de inovação sem falar da cultura empreendedora atual. Há a ideia de um “empreendedorismo de si” como ideal para cada um individualmente

e, simultaneamente, para a sociedade em que vivemos. Esse sentido de empreender ultrapassa o mundo dos negócios, em um arranjo de ganhos pessoais e supostos benefícios coletivos que serve para mobilização de um projeto de sociedade.

A cultura empreendedora é um discurso que caracteriza o espírito do nosso tempo e encontra na comunicação um recurso para reduzir a resistência à ideia da responsabilidade individual em gerenciar e alcançar o sucesso por sua força de vontade e determinação. Qualquer sujeito que tem fé e motivação, que acredita haver em si um “empreendedor interior” a ser descoberto, encontra inspiração em narrativas de projetos de vida dedicados a resolver quase todos os nossos problemas sociais.

A dinâmica para mobilizar e engajar todos nesse projeto de sociedade funciona da seguinte maneira: há a promoção de histórias inspiradoras de indivíduos inovadores, de sucesso e bem-sucedidos em seus projetos. Facilmente vamos encontrar essas histórias na mídia e também em palestras, feiras de empreendedorismo e projetos educacionais para jovens, mulheres e desempregados planejados. Em todos esses artefatos comunicacionais, há sempre a mesma mensagem: a ideia de que podemos nos reinventar a partir da gestão da nossa vontade (Casaqui, 2019).

Vários questionamentos surgem sobre essa proposta modelo de “empreender a si” e inovar a sociedade que responsabiliza os sujeitos por seu sucesso e seu fracasso, uma vez que afasta valores do bem comum, como a presença do Estado, e defende a autonomia como forma de produzir um futuro melhor. Em uma nação como a nossa, com grandes desigualdades, o quanto essa proposta consegue realmente ser eficaz em promover possíveis futuros diversos?

No final do ano de 2024, 10,35 milhões de mulheres donas de negócios foram registradas no Brasil, de acordo com a pesquisa DataSebrae (Sebrae, 2025). Os dados apontam que elas representam 34,1% dos empreendedores. 50,4% das mulheres negras são “donas de negócios”, uma população reconhecida como vulnerável no mercado de trabalho, na qual o empreendedorismo se apresenta como solução de sobrevivência. A maior participação de mulheres que empreendem está concentrada na faixa etária de 30 a 39 anos, sendo que 52,3% das mulheres negras empreendedoras são chefes de domicílio, enquanto, entre as mulheres brancas, esse índice é de 48,6%.

É interessante observar que essa estatística é sinalizada no relatório como insuficiente, e há a recomendação da adoção de políticas e iniciativas que promovam a equidade de gênero no cenário do empreendedorismo brasileiro.

No texto do relatório da pesquisa, ainda encontramos a identificação do empreendedorismo feminino como motor de desenvolvimento econômico e social, com potencial para gerar inovação, emprego e renda. Para engajar as mulheres a assumirem a responsabilidade de inovar e para tornar o discurso da cultura empreendedora mais representativo para esse público, mascarando, por meio de uma ideia única, as desigualdades e a pluralidade dentro do próprio grupo, foi cunhado um termo novo para nomeá-las: elas são as “donas do negócio”, e não as empreendedoras. A linguagem utilizada nesse tipo de comunicação é um recurso para inspirar e reduzir a resistência ao modelo ideal do “empreendedorismo de si”.

Os números citados ao lado são boas referências para evidenciar que o sentido de inovação é adaptável e está a serviço da implementação do modelo ideal da proposta de “empreendedorismo de si”. E isso é possível porque toda cultura também cria tecnologias capazes de atender as demandas e necessidades sociais do espírito do seu tempo.

Vamos refletir também sobre a tecnologia como um discurso social. Embora o sentido de tecnologia esteja presente nos artefatos e produtos do cotidiano, o seu significado vai além dos objetos físicos, abrangendo o conhecimento que

possibilita sua concepção e desenvolvimento. Dessa forma, a tecnologia não se limita ao resultado final, mas inclui todo o processo de criação e idealização por trás das inovações (Silva; Barros Filho, 2001).

Partimos da premissa de que, em meio à imposição dos discursos hegemônicos da cultura empreendedora, as desigualdades e a pluralidade de gênero fomentam uma resistência a esses mecanismos de engajamento e um questionamento deles. Parte das mulheres que empreendem criam seus espaços, discursos e tecnologias para inovar a partir das suas realidades, considerando a perspectiva interseccional que entrelaça gênero, raça e classe (Crenshaw, 1989).

Concordamos que os discursos propostos pela tecnologia feminista acolhem a representação de um conjunto de práticas e inovações voltadas para a equidade de gênero, com o objetivo de dar acesso a mulheres e a outros grupos historicamente marginalizados não apenas ao consumo de tecnologia, mas também ao seu desenvolvimento e controle. (Oliveira; Araújo; Kanashiro, 2020)

Para analisar como esses conceitos são reinterpretados em projetos empreendedores, partimos de quatro perspectivas da inovação: ruptura do *status quo*; empoderamento; novos mercados e oportunidades; e transformação cultural. Tais projetos exemplificam como a inovação pode surgir da resistência ao discurso

hegemônico da cultura empreendedora, propondo novas formas de desenvolvimento econômico e social a partir de uma abordagem crítica e feminista.

RUPTURA DO *STATUS QUO*

Inovar é um processo que naturalmente desafia o *status quo*, ou seja, busca romper com práticas tradicionais, introduzindo novos métodos, produtos ou ideias que transformam setores e sociedades. As tecnologias feministas não questionam as estruturas patriarcais; elas promovem a inclusão, a equidade e a representação das mulheres nos campos da tecnologia e da ciência. Os conceitos de inovação e de tecnologias feministas se conectam, na medida em que desafiam modelos hegemônicos e abrem espaço para novas possibilidades e formas de organização social, colocando em evidência o impacto da perspectiva de gênero na criação e no uso de soluções inovadoras.

Como já comentamos anteriormente, a comunicação, especialmente a publicidade, pode ser compreendida como uma forma de tecnologia social, pois estrutura narrativas e símbolos que moldam valores e comportamentos dentro de uma sociedade. Premiações e eventos são rituais simbólicos utilizados para reforçar identidades coletivas e consolidar e legitimar determinadas visões de mundo.

Essa dinâmica é visível em premiações como o Prêmio Caboré, que reconhece a excelência em inovação na comunicação e, ao fazê-lo, legitima as práticas e valores que dominam o setor. Ao destacar profissionais e empresas que melhor traduzem os interesses do mercado, esse tipo de reconhecimento reforça paradigmas estabelecidos, funcionando como um mecanismo de reprodução simbólica que garante a continuidade da lógica publicitária vigente.

“Um voto e uma cadeira...” (Prêmio Caboré, 2024): foi com esse pedido que a publicitária Raphaella Martins inovou em 2024 na sua campanha, após ser indicada ao Prêmio Caboré na categoria Atendimento e Negócios. Raphaella decidiu desfiar o *status quo* da festa da premiação ao utilizar a sua visibilidade para garantir que outras mulheres negras líderes no setor participassem do evento pela primeira vez, assim como estava acontecendo com ela após 20 anos de carreira.

Dos 42 indicados ao Prêmio, Rapahella contactou pessoalmente cerca de 70% deles, durante 40 dias de campanha. O resultado foi a presença de dez lideranças femininas negras, algumas com 20 a 30 anos de carreira, e que nunca haviam estado presentes no renomado evento. A campanha de Raphaella exemplifica como a perspectiva feminina opera estrategicamente ao explorar uma tecnologia social para criar novos sentidos de identidade e resignificar os valores dominantes.

EMPODERAMENTO

Uma das promessas da inovação é ampliar o acesso a recursos e oportunidades para um número cada vez maior de pessoas, possibilitando a participação mais ativa de indivíduos na economia e na sociedade. Contudo, essa promessa constitui uma narrativa inspiradora, mas nem sempre efetiva, vez que a falta de compreensão da diversidade acaba por beneficiar desproporcionalmente aqueles que já detêm o poder e o privilégio.

Em contraponto, o discurso das tecnologias feministas propõe uma transformação estrutural, questionando os próprios fundamentos das desigualdades de gênero. O sentido de empoderamento envolve a criação de novas formas de conhecimento, redes de apoio e espaços de tomada de decisão que desafiam as dinâmicas tradicionais de exclusão.

Transformar as estruturas educacionais e científicas brasileiras por meio da ampliação das vozes das pessoas negras e indígenas nas discussões de políticas públicas sobre o impacto da tecnologia na sociedade, em especial sobre a regulamentação dos algoritmos, é a proposta do Instituto Sumaúma (2025). Fundado pela profissional de relações públicas e doutoranda Taís Oliveira, essa tecnologia

social busca, ainda, fomentar o conhecimento científico, inserir novos pesquisadores no campo acadêmico e desenvolver suas carreiras.

Essa abordagem do Instituto Sumaúma contempla o discurso para transformar as estruturas e permitir o acesso equitativo ao conhecimento para que todos possam prosperar nesse meio e, ainda, resgata identidades coletivas para superar barreiras sociais e culturais.

NOVOS MERCADOS E OPORTUNIDADES

Outra promessa disseminada como referência de inovação é a sua capacidade de gerar novos mercados e espaços de interação social e econômica. Esse discurso sugere que a inovação, por si só, amplia as oportunidades de participação para diversos grupos sociais. Mas o que se assiste são processos de inovação nas mãos de elites masculinas brancas, que estabelecem regras e definem quem pode ou não participar desses novos espaços.

A história do surgimento do computador pessoal como mercadoria é marcada pela sua significativa associação ao universo masculino. Um artigo da *National*

Public Radio (Henn, 2014) explica que a tecnologia era apresentada mais como um “brinquedo”, com jogos de tiros e similares, do que como uma ferramenta de trabalho. Com a publicidade desse produto focada majoritariamente em jovens meninos, atrelou-se, nesse início, os computadores ao gênero masculino. Na década de 1990, estudos apontaram que famílias norte-americanas demonstravam mais predisposição para comprar um computador pessoal para seus filhos do que para suas filhas. Anos mais tarde, observamos um aumento no interesse de homens em seguir carreira associadas à computação ou tecnologia (Henn, 2014).

Perante esse cenário, é compreensível que a evolução da participação do gênero feminino no mercado da tecnologia seja lembrado por uma luta na ressignificação desse imaginário social. Só se torna possível a presença feminina a partir da criação de espaços seguros e inclusivos, tanto físicos quanto digitais, onde possam colaborar, inovar e liderar.

É nesse cenário que encontramos a idealizadora da plataforma Liga Digital, Hele Nice Moura, uma mulher negra e periférica que capacita jovens para visualizarem um futuro a partir da tecnologia. Além da formação técnica, a iniciativa de Hele Nice cria redes de apoio e mentorias, permitindo que mulheres se conectem com

o mercado de trabalho e com outras profissionais da área. A Liga Digital contribui para quebrar barreiras estruturais que atribuem a baixa procura nos campos da ciência e tecnologia por parte das mulheres às suas supostas características inatas e socioeconômicas (Kishimoto; Ono, 2008)

Portanto, o discurso das tecnologias feministas revela que a inovação não é um conceito neutro e que sua efetividade como motor de criação de novos mercados e de mudança social depende da intencionalidade com que é aplicada.

TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

A fragilidade do discurso da transformação cultural está na ênfase do pilar do “empreendedor de si”, que reforça a visão da meritocracia. Essa visão é fortalecida pela colaboração entre mentes que, por meio das plataformas digitais de ensino, fornecem acesso a aulas, dicas, gurus, ferramentas e processos. Esses recursos incentivam o indivíduo a sonhar, capacitar-se e criar soluções, promovendo o desenvolvimento da mentalidade e das emoções. No entanto, a responsabilidade de alcançar uma vida plena e produtiva acaba sendo atribuída exclusivamente ao próprio indivíduo, sem considerar fatores estruturais e coletivos.

Não é considerada nesse discurso da cultura empreendedora a violência sofrida pelas mulheres nas interações sociais nas plataformas digitais. De acordo a SaferNet¹, em 2024 a entidade registrou 68 mil denúncias de crimes virtuais, sendo que 2,7 mil versavam sobre violência contra a mulher. Essa violência exclui a presença feminina dos ambientes digitais e aumenta a expectativa da perda de 1,5 trilhão de dólares em 2025 pelas plataformas digitais, segundo o relatório UN Women’s Gender Snapshot 2022 (ONU Mulheres; Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, 2022, p. 2).

Apesar de ser um setor econômico atuante desde 1970, somente em 2025 foi sancionado o chamado Marco Legal dos Games (Lei nº 14.852/2024), que regula a indústria de jogos eletrônicos no Brasil. Segundo a pesquisa Game Brasil 2024 (PGB, 2025), 73,9% dos brasileiros jogam algum jogo eletrônico, sendo que 50,9% deles são mulheres. A mesma pesquisa aponta que apenas 20% são mulheres que trabalham na indústria.

O Marco Legal dos Games promove a inovação, a proteção dos direitos dos consumidores e desenvolvedores, e também a diversidade e proteção das crianças e adolescen-

¹ A SaferNet é uma ONG brasileira que atua na defesa dos direitos humanos na internet e conta com um canal de denúncia de crimes cibernéticos. Cf. <https://new.safernet.org.br>.

tes. Érika Caramello, doutora e coordenadora do curso de Tecnologia de Jogos Digitais na Fatec Carapicuíba, atuou intensamente na elaboração e sancionamento dessa lei.

A pesquisadora, que atua há cerca de 18 anos na área de game, identificou várias nuances na resistência ao ingresso de uma nova geração de mulheres na indústria de jogos eletrônicos brasileira. Em um espaço formado principalmente por grandes empresas, majoritariamente de propriedade de homens e pouco sensível à diversidade e à pluralidade, poucas são as chances de valorização e inserção de desenvolvedores independentes, que normalmente estão alocados em estúdios pequenos.

A experiência de Érika Caramello como empreendedora e pesquisadora a levou a criar a iniciativa RPG – Rede Progressista de Games (Rede Pro Games, 2023) –, fundamental para que ela fosse uma das pessoas a dar voz à diversidade no mercado independente de games e a desenvolver a Cartilha Lula Play para o então candidato à presidência do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022.

As demandas da Cartilha, como a regulamentação da profissão e as garantias para os trabalhadores da indústria independente, campanhas publicitárias de combate à discriminação no ambiente virtual e a participação de grupos plurais e diversos nos postos de trabalho, foram consolidadas no Marco Legal dos Games.

Em contraste com o discurso da cultura empreendedora dos valores da autonomia do indivíduo, as tecnologias feministas promovem transformações que influenciam as direções do desenvolvimento tecnológico.

E O QUE HÁ DE NOVO?

Entre tantas promessas de inovação, apostar no que há de novo nas tecnologias feministas pode significar manter questionamentos frequentes aos modelos que perpetuam desigualdades, em especial as que afetam as mulheres. É necessário imaginar alternativas que realmente transformem a sociedade, inspiradas na realidade em que está inserida cada mulher que se dispõe a enfrentar os desafios de embate à cultura empreendedora atual.

As tecnologias feministas evidenciam que nem sempre a adaptação do sentido de inovação acolhe a pluralidade da diversidade, em especial a de gênero. Ao invés de reforçar a ideia de sucesso individual como única possibilidade, elas resgatam a viabilidade do coletivo. Mais do que simplesmente integrar mulheres ao mercado empreendedor, não mascaram que o empreendedorismo que vivemos é por sobrevivência, e não por escolha.

Vemos sinais de um novo sentido para a inovação na operação de compartilhar saberes, rever práticas, ampliar e visibilizar a ativação tecnológica, quando essa operação acontece nas alianças entre não hegemônicos.

REFERÊNCIAS

CASAQUI, Vander. Cultura empreendedora e espírito do tempo: um olhar contemporâneo a partir do campo da comunicação. *Organicom*, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 184-194, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/160000>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *Fórum Jurídico da Universidade de Chicago*, Chicago, v. 1989, ed. 1, artigo 8, [1989]. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 30 abr. 2025.

HENN, Steve. When Women Stopped Coding. *NPR – Planet Money*, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/money/2014/10/21/357629765/when-womenstopped-coding>. Acesso em: 28 fev. 2025.

INSTITUTO SUMAÚMA. Site do Instituto Sumaúma. [s.l.], 2025. Disponível em: <http://www.sumauma.org>. Acesso em: 20 mar. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 3, p. 209-223, dez., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/XN7yv7jS8vTq99xLhRC7vtJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2025

OLIVEIRA, Débora Prado de; ARAÚJO, Daniela Camila de; KANASHIRO, Marta Mourão. Tecnologias, infraestruturas e redes feministas: potências no processo de ruptura com o legado colonial e androcêntrico. *Cadernos Pagu*, n. 59, e20590003, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sK9CsMQY4FfM4X7RRm-G3bYS/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

ONU MULHERES; DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DAS NAÇÕES UNIDAS. Progress on the Sustainable Development Goals the Gender Snapshot 2022. Nova York: ONU Mulheres: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, 2022. Disponível em: https://www.unwomen.org/sites/default/files/2022-09/Progress-on-the-sustainable-development-goals-the-gender-snapshot-2022-en_0.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

PGB TREND REPORT 2025. *Pesquisa game Brasil: painel gratuito PGB 2025*. [s.l.]: PGB 2025, 2025. Disponível em: <https://materiais.pesquisagamebrasil.com.br/2025-painel-gratuito-pgb25>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PRÊMIO CABORÉ 2024 – Raphaella Martins. 2024. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Caboré Indicados (@premiocabore). Disponível em: <https://youtu.be/bqEU1rf6uoE>. Acesso em: 19 de mar. 2025.

REDE PRO GAMES. [Perfil no Instagram]. Brasil, 2023. Instagram: @redeprogames. Disponível em: www.instagram.com/redeprogames. Acesso em: 16 mar. 2025.

SAFERNET. Site da SaferNet Brasil. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em: 16. abr. 2025.

SEBRAE. *Relatório técnico: empreendedorismo feminino 4º Trimestre de 2024*. Brasília: Sebrae, 2025. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/2025-03-07-relatorio_empreendedorismo_feminino_uf_202404_relatorio_final.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.

SILVA, Denir; BARROS FILHO, Joaquim. Concepções de alunos do curso de pedagogia sobre a tecnologia e suas relações sociais: análise de um pré-teste. *Revista Educação e Ensino da Universidade São Francisco*, Bauru, v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/F3Lm8YZkvVkj4LgCnt5BHvw/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Como citar este texto (ABNT):

MOREIRA, Lina. Entre as promessas de inovação, que tal apostar no que há de novo nas tecnologias feministas?. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], p. 29-37. Livro eletrônico.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Jussara Santos

@profajussarasantos

Este texto compõe o curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, ministrado no Sesc Interlagos entre os meses de fevereiro e março de 2025, e contribuirá para que as/os leitores reflitam sobre possibilidades de vivências antirracistas, seja em espaços formais de educação, como escolas e creches, seja em ambientes como o trabalho, a igreja e outros espaços destinados a vivências coletivas.

Como aponta o *Currículo da Cidade – Educação antirracista – Orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros*¹, é preciso que o antirracismo ocorra de janeiro a janeiro nas instituições de educação formal. A Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi alterada pela Lei nº 10.639/2003, que assevera a necessidade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos educacionais. Tal exigência contribui para a diminuição de prejuí-

¹ Cf. <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/curriculo-da-cidade-educacao-antirracista-orientacoes-pedagogicas-povos-afro-brasileiros/>.

zos relativos ao desconhecimento da real história do Brasil e do protagonismo da população negra africana na construção do país que conhecemos hoje.

Apresentar aspectos históricos a partir da potência e das riquezas vividas nos países africanos é uma forma de atenuar o racismo e recontar histórias, geralmente construídas em narrativas brancas, eurocêntricas e excludentes.

Convidamos a algumas reflexões importantes para o fomento de práticas antirracistas, tendo como referência o ambiente escolar:

- As personagens negras circulam em livros literários com diferentes temáticas ou apenas naqueles com foco em abordar questões raciais?
- Os curtas, longos e demais vídeos a que bebês, crianças e adolescentes assistem trazem personagens negras?
- Quando a escolha é trazer personalidades negras, bonecas negras, histórias de protagonistas negras, qual a concepção apresentada?
- As músicas ouvidas e cantadas durante o cotidiano valorizam a diversidade racial presente no Brasil?

- As crianças conhecem super-heroínas negras e super-heróis negros?
- Em instituições que atendem crianças pequenas, o colo, o carinho e o beijo são distribuídos de forma democrática?
- Crianças brancas e negras recebem a mesma atenção durante a realização das atividades?
- Paredes, murais e placas que indicam banheiros apontam a diversidade racial presente na instituição?
- A escuta durante o cotidiano educacional é realizada de forma equitativa entre crianças negras, brancas e as demais?
- Nos espaços que atendem bebês e crianças pequenas, quais são os critérios adotados para a escolha de quem será alimentado primeiro e por último?

Essas são reflexões importantes se pensarmos em ambientes de educação formal, como as escolas de educação básica, que atendem bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos. Refletir sobre a necessidade de curadoria na escolha da literatura, das músicas e dos materiais contribuirá para que não se

utilizem objetos, histórias e situações racistas no intuito de ser antirracista. É importante ter atenção e cuidado, pois o que se escolhe e o que não se escolhe pode contribuir para vivências racistas e excludentes. Para exemplificar, anos atrás uma autora bastante conhecida escreveu uma história que trazia uma personagem com cabelos crespos, e a eles foi atribuída a força de um cabo. Desse modo, as madeixas podiam arrastar uma geladeira. Quais cabelos são capazes de puxar uma geladeira? Pode-se inferir que tal proposição desumaniza o cabelo crespo e o aproxima de objetos distantes da composição corporal de humanos. Tal situação talvez esteja em consonância com práticas racistas, e não com aquelas antirracistas; dessa forma, vale reiterar a necessidade de uma cuidadosa curadoria de materiais, livros, músicas e histórias inclusivas e aparentemente livres do racismo.

Ao pensar educação antirracista, é necessário expandi-la para toda e qualquer vivência a ser realizada por pessoas adultas, seja no trabalho, seja na igreja, seja em espaços de lazer e de convivência coletiva. É fundamental a compreensão de que cuidar das relações raciais e contribuir para a construção de vivências livres do racismo é função de pessoas compromissadas com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Adultas e adultos que atuam como vendedoras(es), faxineiras(os), engenheiras(os), nutricionistas, médicas(os), professoras(es), operadoras(es) de caixa, empresárias(os) e em outras profissões podem e devem ser antirracistas em seus fazeres. Apresentamos a seguir algumas possibilidades de ações em seu cotidiano:

- Compre serviços e produtos de pessoas negras.
- Contrate pessoas negras para lugares de prestígio social e financeiro.
- Cumprimente com educação e gentileza as pessoas negras, migrantes e indígenas.
- Atente-se para não deixar pessoas negras serem sempre as últimas a ser atendidas.
- Não produza ou repasse figuras com memes racistas.
- Não compactue com violências travestidas de piadas.
- Valorize a diversidade racial presente em seu ambiente de trabalho.
- Seja atenta(o) no seu vocabulário; existem muitas expressões carregadas de racismo.
- Valorize a participação de todas as pessoas.

Essas são algumas possibilidades de educação antirracista que você pode vivenciar em seu cotidiano, nas suas escolhas, em seus fazeres diários. Não compactuar com o racismo e não rir de práticas excludentes e racistas é caminho importante para o combate ao racismo. Na sociedade tal qual vivemos, são necessárias ações contundentes que vão além de não ser racista; é essencial adotar práticas antirracistas.

Pessoas brancas, atente-se ao fato de que o racismo não é uma construção das pessoas negras; logo, extirpá-lo não é responsabilidade desse grupo. Além disso, cuidado com a falaciosa expressão comumente utilizada: “Eu não posso falar sobre racismo, não tenho lugar de fala”. Todas as pessoas têm seus lugares de fala e responsabilidades quanto à não disseminação do racismo. Ao trazer o conceito de “lugar de fala”, a filósofa Djamila Ribeiro, ao invés de indicar interditos ou restrições a pessoas brancas falarem, aponta a necessidade de localizar cada sujeito a partir de suas experiências. Desse modo, “lugar de fala” não indica responsabilidade de combate ao racismo exclusiva às pessoas negras; ao contrário disso, evidencia as diversas posições que pessoas distintas ocupam, apontando para a necessidade de escuta, voz e espaço para as pessoas historicamente silenciadas e marginalizadas, como a população negra.

Para a promoção de equidade racial e vivências antirracistas, é preciso romper com:

- A ideia de que o continente africano é marcado exclusivamente por pobreza.
- A ideia de que as narrativas de pessoas negras precisam ser seguidas por mazela, dor e pobreza. Quando colocamos muito holofote nesses fatores, retiramos o protagonismo das pessoas negras e de suas histórias.
- A ideia de que a África é um país.
- A ideia de que sujeira e feiura são características da população negra.
- A ideia amplamente difundida pelas teorias racistas de que negros têm mais propensão ao crime.
- A ideia de um estereótipo único para caracterizar pessoas negras.
- A ideia de que as únicas contribuições das populações negras estão no âmbito da música e da culinária.

Esses e outros estereótipos contribuem exclusivamente com a propagação do racismo e a continuidade de vivências racistas.

Para você, educadora ou educador que nos lê, convidamos todas e todos

a conhecer a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (2024) disponível no site do Ministério da Educação (MEC)². Ela apresenta as ações do MEC para o fortalecimento do combate ao racismo e da educação quilombola para a implementação da Lei nº 10.639/2003.

Convidamos também a conhecer o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Diversidade (CEERT)³, instituição que desde 1990 realiza estudos e pesquisas, além de atuar no combate ao racismo em áreas como educação, trabalho e juventudes.

Caminhando para o fim deste texto, trazemos algumas reflexões para você fazer individualmente, em grupo ou com suas famílias:

- O que é ser antirracista?
- O que seria uma escola antirracista?
- Qual é o papel de cada pessoa nisso?

² Cf. <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneerq>.

³ Cf. <https://www.ceert.org.br>.

Finalizamos este texto com a esperança de dias melhores/antirracistas/inclusivos para todas as pessoas, sobretudo para aquelas que dependem de nossa mediação (bebês e crianças pequenas) para viver.

INDICAÇÕES E REFERÊNCIAS

ALMADA, Sandra. O Dom de ser negro – Dom Filó e Cultne na Revista Raça Brasil. Portal Geledés, São Paulo, 9 nov. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-dom-de-ser-negro-dom-filo-e-cultne-na-revista-raca-brasil/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Conheça a história do funk, do soul e dos bailes blacks no Rio de Janeiro, na entrevista de Don Filó ao *Portal Geledés*.

ÀVUÀ – Percorrer em nós (full álbum). ÀVUÀ. 1 fev. 2023. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal duoavua. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6a-DrPwd00w0>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- O álbum da dupla ÀVUA, intitulado *Percorrer em nós*, traduz em música a beleza, a alegria e o amor. As vozes de Bruna Black e Jotapê, somadas à sonoridade delicada e propositiva da banda, contribuem para uma experiência doce, leve e, ao mesmo tempo, contundente.

AWURÉ na Bahia. Direção de David Obadia. Brasil: Cultne, 2021. 1 vídeo (138 min). Disponível em: https://cultne.tv/temas/4/documentarios/video/37/awure_na_bahia. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Para saber tudo sobre o samba, samba de roda, cabula e cultura afro-baiana, não deixe de assistir ao documentário *Awurê na Bahia*.

CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E DIVERSIDADE. Site do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Diversidade. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/>. Acesso em 4 abr. 2025.

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Site do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. [s.l.], 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Consulte o *Dicionário Cravo Albin* para mais informações sobre a música popular brasileira.

DOC Mix – A história do funk carioca – Parte 1. 5 nov. 2013. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal Eu Vivo No Repeat! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xaZNWzKiO7U>. Acesso em: 18 fev. 2024.

- Para saber mais sobre o funk, assista também a este vídeo que recomendamos.

EMICIDA – Mufete (Web Video). 21 jul. 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zypOpcW62T8>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Música do intérprete Emicida, referenciada no *Caderno do estudante*.

ENTRE O ENCARDIDO, o branco e o branquíssimo | Lia Vainer Schucman. 24 set. 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Editora Veneta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFWlwQSu-pA>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Lia Vainer Schucman explica o conceito de branquitude, evidenciando o sistema de privilégios destinados ao grupo branco.

HÁ UM PROJETO político desenvolvendo fanatismo religioso nas pessoas, afirma Sidnei Nogueira. 6 abr. 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Jornalismo TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVofPUONYbo>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Sidnei Nogueira participa de programa *Opinião*, da TV Cultura, falando sobre a religião e a intolerância como um projeto de dominação.

HENRIQUE Vieira | Provoca | 10/05/2022. 10 maio 2022. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Provoca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-miTuvuPyTh0>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Pastor Henrique Vieira fala sobre uma sociedade amorosa, indicando caminhos de inclusão na sociedade brasileira.

ILÚ OBÁ DE MIN. Site do Ilú Obá De Min. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.iluobademin.com.br/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Conheça o ecossistema Ilú Obá De Min, formado por aproximadamente 450 mulheres negras. Trata-se de uma organização que promove reflexões acerca de educação, arte, cultura e política.

LINIKER – Caju: visual experience (Full Album). 30 ago. 2024. 1 vídeo (70 min). Publicado no canal Liniker. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-vXgUJWo_or0. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Álbum musical da artista, cantora e compositora Liniker, que tem contribuído para a construção de uma sociedade amorosa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Política nacional de equidade, educação para as relações étnico-raciais e educação escolar quilombola*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneerq>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *Sentem para jantar, de Gê Viana*. 2021. Pintura, impressão em jato de tinta com pigmento natural de colagem digital sobre papel Hahnemuhle Photo Rag 308 g/m², 29,7 x 42 cm, tiragem 100 + 7 PA. Disponível em: <https://mam.rio/ge-viana/>. Acesso em: 28 dez. 2024.

- Tela de Gê Viana que promove uma releitura da obra de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), evidenciando o protagonismo negro.

NA MINHA PELE: entrevista com Lázaro Ramos. 10 jun. 2017. 1 vídeo (21 min).

Publicado pelo canal Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQupTegyebw>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- A entrevista mostra reflexões sobre o racismo no Brasil e seus impactos na vida do ator brasileiro Lázaro Ramos.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. *Currículo da Cidade – Educação antirracista – Orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/curriculo-da-cidade-educacao-antirracista-orientacoes-pedagogicas-povos-afro-brasileiros/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

TRAGA-ME A CABEÇA DE LIMA BARRETO. 3 mar. 2018. 1 vídeo (52 min). Publicado no canal Hilton Cobra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBGS-irp0XY>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Assista ao monólogo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto* e saiba mais sobre esse grande autor da nossa literatura e como a eugenia acontecia naquela época.

VISTA minha pele (vídeo completo). 23 ago. 2011. 1 vídeo (26 min). Publicado

pelo canal Hugoc3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWBo-dKwuHCM>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Vídeo que mostra a população branca com vivências parecidas com as da população negra, invertendo a situação de quem sofre racismo.

ZÉ MANOEL no Sesc Vila Mariana | #EmCasaComSesc. 30 jul. 2021. 1 vídeo (79 min). Publicado pelo canal Sesc São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/jUNMrAIXsW0>. Acesso em: 18 dez. 2024.

- Zé Manoel é compositor, cantor e pianista. Interpreta composições repletas de crítica à sociedade racista, poesia, amor e leveza.

Como citar este texto (ABNT):

SANTOS, Jussara. Educação antirracista. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 38-45. Livro eletrônico.



Livro *Democratização do colo: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas*, de Jussara Santos.

ORALIDADES, APRENDIZAGENS E SABERES NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NEGRAS

Teresa Teles

@teresacteles

De um reino distante eu vim

Nigéria, Congo, Benin

Dentro de um porão escuro atravessei o negro oceano sem fim

Tudo o que eu tinha eu deixei

Em Porto Novo embarquei

Sete voltas na Árvore do Esquecimento eu dei

Mas guardei na alma a minha bagagem

Memórias de força e coragem

Palavra, oração, ancestrais

Tambores, sabores e cores demais

Uma tal riqueza nunca se viu

Toda essa beleza veio de navio

A África negra foi recriada no Brasil

— Mas então o que é que você trouxe?

— Eu trouxe alegria, trouxe a Santeria, trouxe a fantasia pra brincar o Carnaval

— Diga lá, o que é que você trouxe?

— Eu trouxe a poesia, eu trouxe a folia, trouxe a bateria, pra tocar no Carnaval ¹

¹ Música “Negro mar” (Estela Carvalho), Carnaval 2010 – O Atlântico Negro. Álbum Nossas vozes, nossos cantos – Ilú Obá De Min 15 anos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTh4xkyo5JA&list=OLAK5uy_m1WmoMtWDwZq02k0la8WITz_nSRN-PirY&index=7. Acesso em: 4 abr. 2025.



Clique na imagem
ou escaneie
o QR Code e ouça

Desde criança ouço minha mãe dizer que a história de sua vida daria uma novela. Órfã de pai e mãe aos sete anos de idade, migrou com suas irmãs do vilarejo Lameirão, em Paraúna, atual município de Presidente Juscelino, Minas Gerais, para São Paulo na década de 1960. Seus irmãos, que haviam migrado anos antes, prepararam a morada: um cortiço na região da Chácara Santo Antônio, zona sul da cidade. Da vaga lembrança que ela guardava de sua infância, nos dizia que seu pai, conhecido como Chico Preto, era africano, mas desconheciam de que o país, e que sua mãe, Teresa, nome dado a mim em sua femenagem, faleceu de desgosto seis meses após o falecimento do marido, por não suportar sua ausência. Na adolescência, minha mãe e suas irmãs trabalharam como empregada doméstica em “casa de família”, única ocupação destinada à maioria das mulheres negras. Sim, para a sociedade, herdamos das nossas ancestrais a pecha da servidão! Minha mãe nos dizia, com brilho nos olhos, da elegância daquelas famílias, das roupas, talheres e móveis; para ela, era tudo gente muito educada. Mas também imaginem, para quem migrou de um lugar com a terra rachada e veio calçar seu primeiro sapato aos 11 anos de idade, tudo era encantador... O trabalho como empregada doméstica não durou para o resto da vida, como aconteceu com minhas tias. Aos 18 anos, fez um curso de cabelereira e, desde então, se dedica a embelezar e recuperar a autoestima de suas clientes!



Maria Beatriz Teles (mamãe) em sua formatura do curso de cabelereira (1968). Acervo pessoal.



Da esquerda para direita: José Eustáquio (papai), tia Edna, Tia Elma e Nilza (sem data). Acervo pessoal.

Papai também é do norte de Minas, da cidade de Montes Claros. Contavam-nos que vovó Maria pegou seus filhos ainda pequenos e, sem a companhia do marido boêmio (vovô Domingos), migrou para São Paulo, instalando-se no bairro da Vila Industrial, zona leste da capital. Ele não tinha a pretensão de que a história de sua vida virasse novela, mas acho que poderia! Primogênito de sete irmãos, aos seis anos vendia balas na feira para ajudar no sustento da casa. Tinha como sonho estudar e, mesmo sem condições financeiras para comprar ao menos os cadernos, nos dizia que usava folhas de papel de pão para anotações e escrevia com os toquinhos de lápis descartados por colegas. Concluiu o ensino fundamental e, alguns anos depois, o curso de inspetor de qualidade no Senai. Trabalhou em muitas empresas de metalurgia até se aposentar em 1991. Papai encantou-se em 2018.

Meus pais casaram-se muito jovens – ela com 19 e ele com 22 anos – e, apesar das dificuldades, dos fantasmas do desemprego, do alcoolismo, do sonho da casa própria, das grandes greves do ABC e dos períodos de recessão econômica, trabalharam duro e deram as melhores condições às suas três filhas para que conquistassem a tão almejada ascensão social. Mamãe sempre nos lembrava: “Vocês são pretas, então precisam ‘ser alguém!’” O que eu mais gostava da história de meus pais é que entre eles havia um certo parentesco, primos não sei de que grau... Para nós, filhas, era engraçado saber que éramos filhas-primas de nossos pais.

As memórias e registros que apresento acima, mesmo que escassos, é o pouco que conheço sobre a história de Dona Beatriz e Sr. José Eustáquio. Agora eu pergunto: quantas e quantos de nós conhecemos a história de nossos pais, de nossos avós, de nossos bisavós, de nossos antepassados? Eles nos contaram as suas histórias? Iniciei este texto narrando uma pequena parte da vida de meus pais, porque conhecer a história dos que vieram antes de mim constitui minha própria história.

Durante anos foi negado, a nós povo preto, o direito de conhecer a história de nossos antepassados. Vocês devem se lembrar, nos livros didáticos, por exemplo, de que as pessoas escravizadas eram representadas no açoite, acorrentadas, vitimizadas... Como reconhecer essas histórias como sua?

Um trecho da canção que puderam ouvir no início do texto diz: “Sete voltas na Árvore do Esquecimento eu dei”. O que foi a Árvore do Esquecimento?

As pessoas escravizadas que partiam da cidade de Ouidah, no Benim, rumo à Calunga Grande², eram forçados a dar voltas na Árvore do Esquecimento para esvaziar suas memórias, apagar suas lembranças, suas crenças e os laços com sua

² As famílias africanas que testemunhavam seus parentes partirem passaram a chamar o mar de Calunga Grande (Vaz, 2023).

comunidade. Os colonizadores sabiam que a conexão com a ancestralidade e com as práticas culturais era um risco de resistência, então, ao tentar apagar essas referências, buscavam garantir a dominação sobre aqueles corpos.

No documentário *Atlântico negro: na rota dos orixás*, o momento de esquecer é assim narrado:

Neste lugar se encontrava a árvore do esquecimento. Os escravos homens deviam dar nove voltas em torno dela. As mulheres sete voltas. Depois disso supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam completamente seu passado, suas origens e sua identidade cultural, para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou de se rebelar. Que aberração! Que contradição! Na história humana alguém jamais viu um nagô esquecer suas origens e sua identidade cultural, se ela está tão marcada em seu rosto e tão incrustada em seu coração. (Atlântico Negro, 1998)



Clique ou escaneie o QR Code para assistir ao trecho do vídeo

O esquecimento também foi estratégia do estado brasileiro para afirmar a ideologia do embranquecimento da população negra. Fizeram-nos acreditar que éramos um povo sem história e que a história deles era a nossa. Quiseram nos tirar o direito de lembrar.

Mas a “África foi recriada no Brasil”, a memória negra brasileira foi preservada pelas lembranças, pelos relatos, pelos saberes orais. A oralidade desempenhou e ainda desempenha um papel fundamental para a preservação e produção de memórias negras, sendo essencial para a transmissão e manutenção de histórias, culturas e tradições. Em muitas comunidades africanas, a oralidade é mais do que uma forma de comunicação; é uma prática cultural que permite que o modo de vida e as experiências sejam mantidas vivas, especialmente em contextos onde não havia possibilidade da escrita.

Por meio de narrativas orais, mitos, contos e cantos, as comunidades negras transmitiram valores, saberes e resistiram à opressão. As histórias ancestrais de lutas por liberdade e práticas do sagrado foram preservadas de geração em geração, mantendo a conexão com a identidade cultural. Essas narrativas não só reforçam a herança cultural, como também são formas de resistência contra o apagamento histórico.

Nas culturas africanas, com toda sua diversidade étnica – afinal, a África é um continente com 54 países, e não um país –, os griôs desempenham um papel crucial na preservação e transmissão do conhecimento, da cultura e dos valores de suas comunidades. Ele é o guardião da memória oral, é a figura fundamental

para conservar as histórias, garantindo que a palavra não se perca. A palavra, nesse contexto, é um organismo vivo e pulsante, não se limitando a ser meramente um registro do passado, mas um meio de conexão entre as pessoas e a memória de sua comunidade.

Nossas memórias negras recriadas estão nas escolas de samba, nos terreiros de candomblé, nas mais de oito mil localidades quilombolas³, nos movimentos e coletivos negros. Se os livros didáticos retratavam nossos antepassados como coitados e submissos, estamos aqui para recuperar as muitas histórias de luta, resistência e sobrevivência que engrandece nosso povo: Zumbi e Dandara em Palmares, Luiza Mahin na Bahia, as Irmandades Negras, Luiz Gama, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Nêgo Bispo e muitas e muitos outros...

Neste ano de 2025, o Ilú Obá De Min, grupo que tenho a honra de integrar, fêmeageou uma de nossas fundadoras, a multiartista Girlei Luiza Miranda. A Beija-Flor de Nilópolis, escola de samba campeã no Rio de Janeiro, trouxe para a avenida o enredo em homenagem a Laíla, figura importante para o Carnaval brasileiro, falecido em decorrência da Covid-19 em 2021. A Paraíso do Tuiuti teve como tema Xica

³ De acordo com o Censo do IBGE, em 2022 o Brasil possuía 8.441 localidades quilombolas no território brasileiro, associadas a 7.666 comunidades quilombolas.

Manicongo, a primeira travesti brasileira, lembrada como símbolo de resistência para a população LBGQTQIAP+. Enredos, temas, títulos que celebram a cultura negra ao reverenciar, honrar e enaltecer pessoas de grande relevância e importância tanto para suas comunidades quanto para a história brasileira. E assim recuperamos as histórias que os livros didáticos não contam e nos reconhecemos nelas.

Leda Maria Martins tem contribuído para o estudo da oralidade, trazendo reflexões sobre como ela se manifesta nos contextos culturais e sociais, inclusive entendendo o corpo como local e ambiente da memória. Um dos pontos centrais em sua análise é a valorização da cultura popular e a busca por reconhecer a riqueza das expressões orais e festivas. A oralidade está na cadência do samba, nas rimas dos rappers, na rítmica do funk, manifestações que, para além do entretenimento, narram em suas letras as vivências, os costumes, a realidade e o cotidiano das periferias e comunidades.

E para nós, que vivemos a sociedade do cansaço, do tempo que nunca dá tempo, quanto tempo temos para lembrar nossa própria história? O que deixaremos de nossas histórias negras para nossos descendentes? Nêgo Bispo nos deixou muitos legados; um deles foi a importância de transmitir e compartilhar os saberes. Para isso, é importante conhecer, contar, recontar nossas histórias, produzir nossas próprias narrativas.

Caroline, Irene, Janaína e Yara, participantes do curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, narraram um momento significativo de suas histórias, que, para cada uma delas, merece ser preservado...



Caroline de
Souza Carvalho



Irene Alves



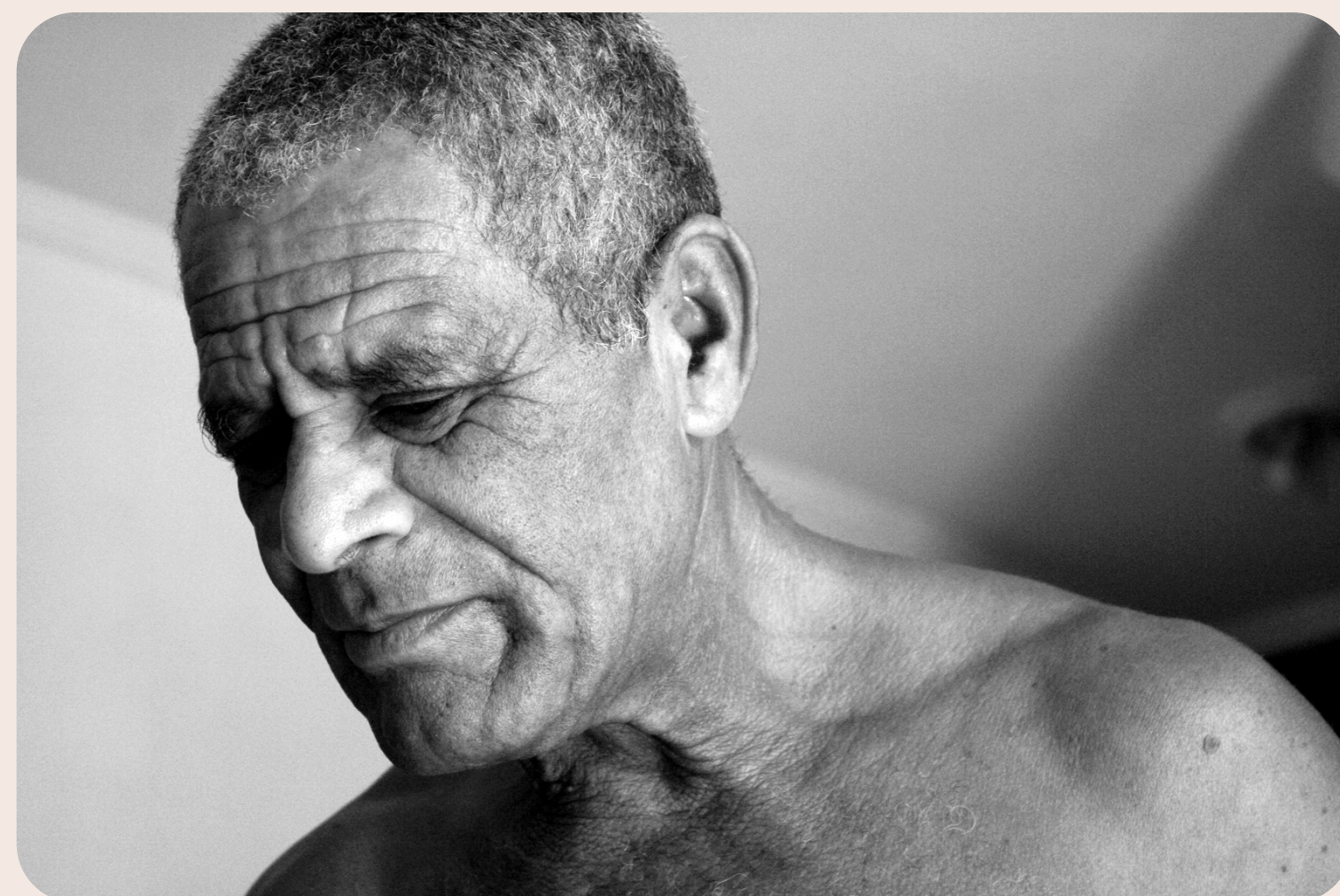
Janaína Castro



Yara Cassandra

Histórias só existem se forem contadas, e o que contamos existe em nós e no mundo para sempre!

REFERÊNCIAS



José Eustáquio Teles, meu pai. Nascido em 1947 na cidade de Montes Claros, MG. Primogênito de sete irmãos, ainda criança teve que trabalhar para ajudar no sustento da casa. Apesar de muitas adversidades, concluiu o curso de inspetor de qualidade no Senai. Trabalhou em muitas empresas de metalurgia até se aposentar em 1991. Encantou-se em 2018.

Foto: Acervo pessoal



Maria Beatriz Teles, minha mãe. Nascida em 1950 em uma pequena casa na zona rural do vilarejo Lameirão, em Paraúna, atual município de Presidente Juscelino, MG. Aos sete anos ficou órfã de pai e mãe, sendo cuidada por seus irmãos e irmãs mais velhas. Na década de 1960, migrou para São Paulo. Trabalhou em “casas de família”, se formou cabeleireira aos 18 anos e se casou aos 20. É mãe de três filhas: Patrícia, Teresa e Rita; vovó de Cauê e Vinicius; e bisavó de Guido e Rafa, que carinhosamente a chamam de Bisa Bia.

Foto: Osmar Moura

ATLÂNTICO NEGRO: na rota dos orixás. Brasil, 1998, documentário. Direção: Renato Barbieri, Roteiro: Renato Barbieri e Victor Leonardi. 1 vídeo (53 min – trecho 16:16-17:04 min). Publicado pelo canal Mylla Barclay. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2I0gjOhcZ-o>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: *História geral da África*, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

BÂ, Amadou Hampaté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena, 3 ed., 2003. EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

ILÚ OBÁ DE MIN Tema. 2022. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Negro Mar. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTh4xkyo5JA&list=OLAK5uy_m1WmoMtWDwZq02k0la8WITz_nSRN-PirY&index=7. Acesso em: 4 abr. 2025.

MACÊDO, Larissa Cristina Sampaio. *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais*. 2023. 293 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Le-*

tras – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, Universidade Federal de Minas Gerais, nº 26, jun. 2003.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NÊGO BISPO: vida, memória e aprendizado quilombola. 2021. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw&t=205s>. Acesso em: 6 abr. 2025.

RODA VIVA | Conceição Evaristo | 06/09/2021. 6 set. 2021. 1 vídeo (97 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VAZ, Livia Sant'Anna. Calunga Grande e tragédias no mar: ou de como somos (des)iguais até na morte. *Migalhas*, [s.l.], 26 jun. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/olhares-interseccionais/388826/calunga-grande-e-tragedias-no-ma>. Acesso em: 6 abr. 2025.

Como citar este texto (ABNT):

TELES, Teresa. *Oralidades, aprendizagens e saberes na produção de narrativas negras*. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025. p. 46-53. Livro eletrônico.

ESCRITAS DE MIM E SUBVERSÃO: MEMÓRIAS TRANS COMO ARTE E CONHECIMENTO

Antonia Moreira

@__antoniamoreira

www.antoniamoreira.com

Falar de arte e ciência feita por mulheres tem o potencial de desestabilizar a História oficial, que privilegiou – e privilegia – os homens como fazedores da História, como donos dos marcos temporais que orientam nossa civilização e, mais ainda, como guardiões do que é ou do que não é conhecimento digno de arquivamento e lembrança. Quando falamos de pessoas da dissidência de gênero compreendidas enquanto experiências corpóreas para além da norma binária de gênero (homem e mulher), e não dessa dissidência como um termo

identitário (assim como enxergo ser trans como um substantivo para práticas, e não apenas como identidade), esse apagamento é ainda maior, pois até pouco tempo não havia sequer linguagem para expressar essas experiências corpo-vida em nossas sociedades. Se hoje temos uma miríade de identidades, por vezes sintetizadas em uma sigla (a mais atual talvez seja LGBTQIAPN+), no passado, tínhamos pouca, se não nenhuma possibilidade de inscrição na linguagem. As primeiras, aliás, foram criadas a partir de discursos médicos e científicos, como mostrou, no caso das travestis e transexuais, o trabalho do Jorge Leite Junior (2008).

Mas onde estamos na história do mundo, se hoje temos a compreensão de que as identidades trans são construções do nosso tempo, apesar de sempre termos estado aqui? O enredo de 2025 da escola de samba paulistana Paraíso do Tuiuti trouxe Xica Manicongo, interpretada como uma dissidente de gênero no Brasil colonial, para nos lembrar de que não somos invenções pós-modernas do capitalismo tardio tentando converter os bons homens e mulheres em coisas outras, como se os próprios homens e mulheres cis não fossem convertidos à cisgeneridade a partir de uma gramática do gênero estabilizada em nossa sociedade por meio de normas e significados culturais (Butler, 2008, p. 24).

O meu processo pessoal de construção de conhecimento passa pela relação próxima do meu corpo com a realidade das pessoas trans no Brasil, por ser uma delas e habitar a minha realidade, que ora se aproxima das estatísticas, ora se afasta pelos caminhos das vantagens que obtive, ora me causa dúvida, pois não há tantos dados sobre nossa existência. Além disso, passa pela comunidade interpretativa que temos construído, de modo a costurar possibilidades dentro desse *cistema* que, mesmo quando nos acolhe e “inclui”, nos objetifica, compra nossa dor e se alimenta da manutenção de nossa posição de subalternidade. É como se até pudéssemos ser capa de revista, expor obras e sermos referência, mas sempre a partir de um olhar branco, cisgênero e normativo sobre nossas possibilidades. É difícil fugir dessa lógica.

Reinterpretar a história – a nossa história –, portanto, é uma forma de tomar as rédeas desse processo de construção de subjetividades, recusando-nos a nos submeter às histórias únicas e fomentando outros caminhos.

A prática da escrita de mim foi, e ainda é, um importante caminho de autoconhecimento e de construção de conhecimentos coletivos. Emponderar-me da minha própria história foi vital para me desprender de ciclos de insegurança decorrentes de anos de racismo e homotransfobia vivenciados desde quando morava no interior de São Paulo até a faculdade privada elitista, passando pelo mercado de trabalho e pelas violências rotineiras. Mais ainda, proponho que a escrita de si,

baseada na autobiografia, mas não só, são formas de conhecimento válidas que têm o potencial de romper com a lógica colonial que impera na produção de conhecimento ocidental, sobretudo dentro das universidades. Ao vasculharmos nossa história e a história dos outros, compreendemos o mundo a nossa volta e possibilitamos tatear alternativas, desde que não fiquemos presos ao *stoytelling* ocidental, que privilegia seus grandes enredos heroicos e individualistas.

CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA E AFETO

Desde que entrei no Ateliê TRANSmoras, fui tomada por vários sentimentos, do pertencimento ao deslocamento, da felicidade à profunda tristeza. Mas não pensem que isso é ruim; para mim, a tristeza faz parte do processo de fracassar nesse sistema e, se bem utilizada, é uma energia poderosa para ser canalizada para transformação. Quando nos incomodamos com o apagamento, silenciamento e esquecimento das experiências e contribuições dissidentes para o mundo, algo pode nascer entre as brechas.

Fazendo uma análise do meu processo de escrita nos últimos anos, percebo que sempre estive muito conectado à minha experiência nesse coletivo/ocupação, que trabalha a partir das artes para criar possibilidades de vida para pessoas trans



Imagem que integra a fotonovela *Memória travesti*, de Antonia Moreira e Rafaela Kennedy, 2022.

e travestis. Em 2019, na 1ª edição do jornal *Travesti VIVA!*, realizado pelo Ateliê, eu escrevi um texto ingênuo e apaixonado sobre minha chegada ao coletivo: “Na primeira vez que pisei no Ateliê [...] o espaço estava lotado. Eram bichas, travestis e bichas travestys reunidas em comunhão, deitadas em colchões pelo chão e dividindo um bolo embatumado feito no forno elétrico, meio precário, mas com tanto carinho! [...]” (Moreira, 2019). Na mesma época, em meu perfil da plataforma online Medium, eu clamava pelo meu recém-descoberto amor às travestis, enquanto me reconhecia como uma delas. O primeiro texto autobiográfico escrito por uma pessoa trans que li foi *Viagem solitária*, de João W. Nery, pioneiro ativista trans, que narra sua história de emancipação no Brasil do século XX. Nery, que compõe hoje a transcestralidade do movimento trans, em especial para homens trans e pessoas transmasculinas, apresenta sua história, que passa pela morte completa de quem foi um dia e a perda do diploma da graduação para se tornar João, uma nova identidade que, num país onde pessoas trans não podiam mudar de nome legalmente ou realizar procedimentos cirúrgicos, precisou substituir completamente sua antiga identidade.

Embora relevante e marcante em minha trajetória enquanto leitora, me vi mais interessada em processos coletivos de transição e resistência, influenciada, é claro, pela própria relação da travestilidade com o coletivo. Em *O parque das irmãs magníficas*,

Camila Sosa Villada (2011) nos apresenta uma fábula crítica baseada em seus próprios escritos, textos feitos na juventude em um blog e recuperados por um admirador, que lhe enviou o material anos depois. A partir desses textos antigos, ela cria memórias do seu encontro com as travestis do Parque Sarmiento, ponto de prostituição em Córdoba, Argentina, e seu próprio processo de transformação pessoal a partir da conexão com aquele grupo de prostitutas. Em meio a fabulações, como a travesti que ao longo do livro se torna um pássaro, Camila tece memórias particulares, mas que não dizem só dela. Exemplo disso é a passagem em que conta sobre suas primeiras contravenções, que a fizeram tornar-se Camila: perfumes e maquiagens surrupiados da mãe, trocados usurpados do pai, além da confecção de seus primeiros vestidos a partir de cortinas velhas – história comum a muitas pessoas trans, que, entre as brechas da legibilidade de gênero, exploram a moda e a beleza como primeiros veículos para borrar as fronteiras do dito feminino e masculino.

A meu ver, assim como Camila, minha prática artística passa pela escrita de mim, mas que não fala só de mim. Em *Memória travesti* (Moreira; Kennedy, 2022), foto-novela escrita para o trabalho visual de minha amiga Rafaela Kennedy, exploramos a história de amigas travestis que encontram, na velhice, a felicidade. Nesse trabalho, Kennedy e eu expressamos nosso desejo pela velhice, algo muitas vezes violentamente retirado de pessoas trans, e levemente evitado e julgado por pessoas cis



Imagem que integra a fotonovela *Memória travesti*, de Antonia Moreira e Rafaela Kennedy, 2022.

que enxergam na velhice o fim da vida, e não uma fonte de vida. O trabalho buscava inverter essa lógica, destacando o valor das vidas que persistem, apesar de tudo.

Mais recentemente, após o contato com o trabalho de escrituragem de Conceição Evaristo, parto para uma escuta para além das minhas próprias memórias como parte do processo criativo e, inspirada em Conceição e no trabalho de Saidiya Hartman, reviro arquivos para encontrar histórias de travestis mais velhas. Em *Me vejo em vocês*, performance executada na disciplina de História Oral na Columbia University, eu interpreto Brenda Lee, Keila Simpson e Cláudia Wonder. Encontrei em filmes, como *Atentado violento ao pudor* e *Dores de amor*, e no arquivo do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), falas em primeira pessoa dessas ativistas e artistas e, por meio da transcrição, recorto, reforço e embaralho suas falas para se transformarem em escrituragens de travestis (Moreira, 2025). A partir de suas histórias, identifiquei ligações entre gerações diferentes de travestis, aproximando-nos por meio de uma discussão intergeracional.

CONHECIMENTO E ESCRITA

Aponto para os caminhos da escrita a partir da lógica do conhecimento, pois desnaturalizamos a neutralidade científica pressuposta pela ciência moderna, validamos as

histórias de vida e, mais do que isso, favorecemos novas formas de memorialização, que, como apontado por Jack Halberstam (2020, p. 38), “desencadeia novas formas de memória que se relacionam mais à espectralidade do que à evidência concreta, às genealogias perdidas do que à herança [...]”. Para Halberstam, inspirado no trabalho de Michel Foucault, a memória é um mecanismo disciplinar que seleciona o que é importante ser lembrado e esquecido. Porém, esquecer, segundo essa lógica, não seria necessariamente um mecanismo ruim, pois essas histórias que escrevemos sobre nós, por vezes banais, consideradas de baixa qualidade e nem mesmo compreendidas como literatura, podem ser justamente o espaço da não linearidade da narrativa, opostas à coerência e à legibilidade concreta, que apresentam, com base na representação, uma única possibilidade de realidade (a de que o mundo já está dado, e ele é capitalista e não tem alternativa senão o fim do mundo).

A ciência não é a única forma de conhecimento, e a pretensa neutralidade científica precisa ser substituída por um reconhecimento da legitimidade de outras formas de saber. As escritas de si, a partir da quebra da objetividade e distanciamento, por requererem presença da pessoa escritora com as memórias – sejam suas, sejam de outros –, colabora com a construção de caminhos alternativos às formas convencionais de conhecimento, priorizando, sobretudo, aqueles saberes silenciados e apagados pela hegemonia ao longo da história.

Entre nós, escritoras, escritores e escritories de si, a linguagem se torna uma ferramenta de subversão dos modos de conhecimento que limitam nossas epistemologias às “diversidades”, refutando a aplicabilidade da nossa produção em outros campos e temáticas, como meio ambiente, envelhecimento, economia e tecnologia, temas que destaco por serem relevantes para mim e para meu trabalho. Acima de tudo, ao longo da minha história enquanto escritora, desenvolvi uma prática na qual a escrita colabora com a formação do meu ser e, a partir dessas memórias escritas, contribui para a multiplicação e validação dos saberes que vêm das margens.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe Editora, 2020.

LEITE JUNIOR, Jorge. *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. 2008. 230 f. Tese

(Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOREIRA, Antonia. Afinal, o que é um grupo de travestis organizado? *Travesti VIVA!*, São Paulo, 1 ed., nov. 2019.

MOREIRA, Antonia. Construindo memórias de outros lugares: heterotopia trans ou travestitopia na ocupação TRANSmoras na Unicamp. *Revista de Interações Sociais – REIS*, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 15-29, jan.-jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/17890>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MOREIRA, Antonia; KENNEDY, Rafaela. *Memória travesti*. Cidade do México: Terremoto, 2022.

VILLADA, Camila Sosa. *O parque das irmãs magníficas*. São Paulo: Planeta, 2021.

Como citar este texto (ABNT):

MOREIRA, Antonia. Escritas de mim e subversão: memórias trans como arte e conhecimento. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 54-60. Livro eletrônico.

PINTURAS VINDAS DO INCONSCIENTE: EXPERIMENTOS COM O ABSTRATO

Mariana Rodrigues

@marianarodrigues_____

O inconsciente é uma das principais tecnologias que dão vazão à minha pesquisa, que se manifesta por meio da pintura. A profusão de gestos abstratos em cores, formas e texturas surge a partir de experiências corporais e espirituais enraizadas em cosmovisões de matripotências afrikanas, especialmente nas cosmopercepções do antigo Kemet – território que conhecemos de forma colonizada como Egito.

Nessas sociedades, corpo, mente e espírito são compreendidos como uma unidade primordial para toda existência física e espiritual, utilizando-se de tecnologias naturais ritualísticas para pensar e constituir o ser.

A pintura acontece como parte final de um processo que começa no corpo e se desdobra em experiências que atravessam filosofia, espiritualidade e matéria. O que emerge na tela são gestos e formas espontâneas que transbordam do inconsciente sem a interferência da razão ou da necessidade de representação figurativa. Apenas deixo que essas expressões de liberdade criem a materialização visual do invisível no mundo físico.

Nossa mente está condicionada a buscar imagens reconhecíveis em tudo. A pintura abstrata rompe com esse vício perceptivo, criando um campo de conexão com aquilo que há de mais íntimo e misterioso em nós – memória, emoção, história e os traumas que nos atravessam.

A pintura em grande escala se tornou a principal plataforma do meu trabalho tanto pela relação de escala com o meu corpo quanto pela capacidade de imersão visual que proporciona a quem observa. Esses gestos, por sua vez, resgatam a presença da criança dentro de mim, permitindo que ela permaneça viva e se expresse com liberdade, mesmo estando em um corpo adulto.

Depois de viver uma vida nômade e percorrer vários territórios e comunidades brasileiras por cerca de três anos, buscando aquilo que chamo de “Pinturas Abstratas Naturais”, inicio a construção do meu livro de artista homônimo. Nesta



Eu vim da terra mais densa, da lama mais velha

Série: *Pedindo licença me permito chegar ao tempo do pó*, 2023

Acrílica, pigmentos naturais de terra, urucum, sementes e vagem sobre tela

173 x 130 cm

Obra desenvolvida na residência artística Silo – Arte e Latitude Rural, Serrinha do Alambari, Resende, RJ

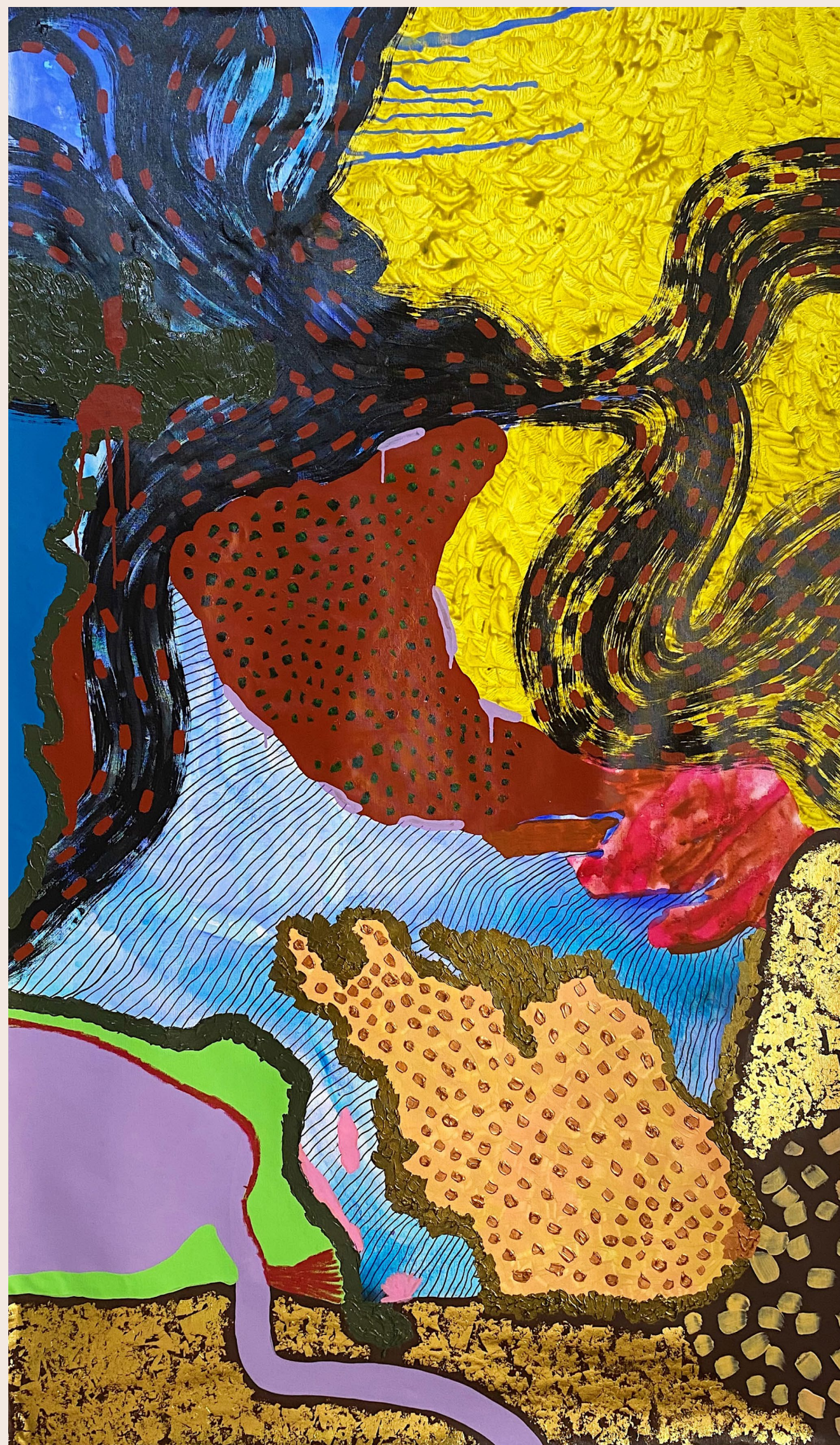
pesquisa, procuro pinturas abstratas construídas pela natureza em seu tempo: líquens, fungos, musgos, pigmentos naturais, rochas, minerais, solos, águas, plantas e paisagens de biomas. A intenção é conceber um livro de viajante, mesclando as filosofias afrikanas e minhas vivências a partir do pensamento e da pintura abstrata, criando meu próprio método de observação ao buscar os padrões que a natureza cria em sua magnitude.

Dentro da pesquisa das “Pinturas Abstratas Naturais”, que encontro em solos ricos em águas doces, entrei em contato com os pigmentos naturais. São terras e argilas extraídas de diferentes tipos de solo, que, ao serem misturadas com água e aglutinantes como cola, dão origem a tintas de variadas cores e texturas. Esse encontro com a materialidade dos pigmentos amplia ainda mais minha pesquisa, conectando a temporalidade da terra com a construção da imagem e da pintura.

Para o curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, com curadoria de Larissa Macêdo, ministrei a palestra e oficina *Pinturas vindas do inconsciente: experimentos com o abstrato*, na qual pude apresentar meu trabalho e compartilhar, através de uma oficina imersiva, a experimentação do abstrato com os pigmentos naturais.

De dentro da terra embaixo do céu, 2024
Acrílica, giz pastel oleoso e bastão oleoso sobre tela
170 x 120 cm





Água que mata a nossa sede de viver, 2023

Acrílica, folha de ouro, giz pastel oleoso e marcador sobre tela
156 x 98 cm

Obra desenvolvida na residência artística SAÚVA, Botucatu, SP

Reconstruindo cacos para reflexos de ouro
Série: **Trabalhos de proteção**, 2023
Acrílica, bordado, sementes, espelhos e correntes sobre tela
77 x 50 cm





Registros de pinturas abstratas naturais. Chapada Diamantina, BA, e Botucatu, SP.



Compilação de "Pinturas Abstratas Naturais" e detalhes de obras da artista. Chapada Diamantina, BA, e Ilha de Boipeba, BA.

Como citar este texto (ABNT):

RODRIGUES, Mariana. Pinturas vindas do inconsciente: experimentos com o abstrato. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 61-66. Livro eletrônico.

TUDO SE DEVE A ELAS

Caroline de Carvalho Souza

@oakcarol

Pelos cantos das conversas, estive notando a tímida aproximação das pessoas, com olhos curiosos pelo que está sendo falado. Sentam-se lá atrás, esperando não aparecer muito, só ouvir. Aproximam-se e se sentam nas cadeiras mais à frente, com canetas e blocos à mão. Chegam antes do horário ou quase no fim, ainda pegando algumas palavras. Os olhos sempre com o mesmo interesse em ouvir quem lhes fala sobre o que pouco sabem ou muito vivem, questionando o que sabiam e o que aprenderam.

Até que percebi que o que quer que a pessoa parada ali vá pensar é conduzido, em grande parte, por suas memórias. Em meio às conversas, fui me lembrando de situações já lidas ou vividas, e como, a todo instante, eu estava sendo guiada por minhas memórias enquanto mulher negra.

Quando vi crianças se reconhecerem e se representarem em folhas de sulfite com cores parecidas às de suas cores de pele, os cabelos cacheados e crespos dese-

nhados com carinho, me lembrei de ser uma das poucas crianças negras na escola em que cresci, e de meus desenhos serem grafados a “lápiz cor de pele”, com um cabelo liso, longe de estar próxima a quem eu era.

Ao longo dos domingos em que se desenrolaram os encontros do curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, o tempo passado junto a essas crianças e aos demais participantes me lembraram de outros aspectos de quem eu sou, pois quem me precede também me representa. Voltei a nadar com mais frequência, um dos hábitos que meu pai cultivava há anos, inclusive tendo atravessado de cidade a cidade a nado. Agradei por ele, como um homem negro, ter tido a oportunidade da paz e do esporte.

Assim como o esporte, o artesanato, como uma prática de tecnologia ancestral e feminista, também permeou a minha vida, especialmente a costura. Em um dos dias, relatei:

Minha vida é formada pelo cheiro único dos odores de tecido, linhas e sons da máquina de costura, ou da televisão ao fundo enquanto minha mãe costurava à mão. A mochila surrada que ela pensa em fazer outra, mas que sou apegada demais para trocar; todas as minhas bolsas de tecido; os panos de prato que outrora cobriam a mesa da casa dos meus pais e agora cobrem a minha; a galinha que frequenta a cozinha para guardar e reutilizar sacolas plásticas. A estética nem sempre combina-

da, mas entrelaçada pelo amor. Do outro lado, meu avô, pai de meu pai, alfaiate e estivador, costurando a conjunção da minha história.

Durante os dias, fui permeada pelas minhas memórias, além de imaginar quais seriam as memórias de tantas pessoas que vieram antes de mim e não tiveram a oportunidade de contá-las, especialmente as mulheres, de oralizar suas histórias e serem levadas a sério. O amor, a memória oral, a escrita e tantas tecnologias feministas que outrora não foram escutadas como práticas legítimas de produção de saber, por serem pautadas também em tecnologias ancestrais.

Termino pensando como criar é importante, mas ouvir é ainda mais essencial. Ouvir as histórias vividas por outros, ouvir as próprias memórias e ouvir para continuar criando uma tradição e levar a ancestralidade adiante.

Às vezes precisamos nos lembrar de não nos ater à superfície, mas de sempre ouvir, buscando caminhos para as nossas questões presentes e futuras, ouvir para criar e levar conhecimento adiante.

Estamos fadados ao conhecimento, não como uma fadiga, mas como forma de sempre explorar novos caminhos e nos conectar ao que nos precedeu, especialmente entendendo como saber legítimo o que as nossas mulheres nos ensinaram.

Como citar este texto (ABNT):

SOUZA, Caroline de Carvalho. Tudo se deve a elas. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 67-68. Livro eletrônico.

A INVENÇÃO DAS MULHERES¹

Yas Navarro Canabrava

@yasnavarro

yasnavarro.com

Pensar “arte e ciência por mulheres” exige equilibrar duas questões fundamentais: a reivindicação por participação ativa nas esferas criativas e decisivas e a reflexão crítica sobre como conceitos do feminismo têm sido instrumentalizados para legitimar ações de exclusão e opressão. Exemplos disso incluem a ascensão de um partido de extrema-direita na Alemanha sob a liderança de uma mulher homossexual² e o uso ardiloso de discursos em defesa das mulheres palestinas para justificar a ocupação de Gaza³. Esses casos evidenciam a importância de

¹ Referência ao título da obra de Oyèrónke Oyěwùmí (2021).

² “Candidata populista de Musk na Alemanha ganha palanque planetário”. (Marianete, 2025).

³ “[...] O discurso liberal de direitos das mulheres foi usado como uma das principais justificativas na defesa da ‘Guerra ao Terror’ quando da intervenção no Afeganistão em 2001, que até 2023 havia matado mais de 70.000 civis afegãos e paquistaneses. Na narrativa

questionar o que realmente caracteriza uma ação feminista e de reconhecer que a autoria, por si só, não torna uma prática ou tecnologia engajada.

Promover uma postura feminista na ciência e na tecnologia requer reconhecer que essas não são esferas neutras e que, ao longo da história, foram moldadas por valores hegemônicos que reforçaram hierarquias de poder, incluindo o binarismo de gênero e a normatividade cisheteropatriarcal. Assim, atuar nessas esferas implica questionar desde a lógica extrativista e colonial que permeia o desenvolvimento tecnológico até os vieses algorítmicos que perpetuam exclusões sistêmicas. Tecnologias verdadeiramente feministas seriam aquelas que, a partir desse entendimento crítico, subvertem as estruturas que naturalizam desigualdades, desafiam as bases ideológicas das opressões e criam espaços mais plurais, acessíveis e libertadores para a produção do conhecimento e da inovação.

Para demonstrar como a ciência e os sistemas de pensamento podem ser utilizados para consolidar opressões de gênero, recorreremos ao exemplo reportado na obra *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os*

Ocidental à época, inclusive reproduzida por movimentos feministas internacionais, havia uma correlação entre a intervenção ocidental e o gozo de mais liberdades pelas mulheres afegãs: elas finalmente seriam salvas e viveriam a experiência de ser uma mulher ‘livre’ de verdade, com direitos como os da mulher ocidental emancipada” (Simão, 2024).

discursos ocidentais de gênero (2021), de Oyèrónke Oyěwùmí, que investiga como a generificação da sociedade, assegurada por uma lógica biologizante, produziu consequências materiais na realidade social de Oyó-Iorubá, na Nigéria. A autora, natural de Oyó, cujo pai ascendeu ao trono, cresceu no ambiente do palácio, próximo aos mercados e à vivência cotidiana do povo. Oyěwùmí, também socióloga e epistemóloga, descreve como sua posição familiar e seu contato direto com as pessoas lhe proporcionaram uma oportunidade para observar e refletir sobre as complexas interações sociais e culturais da sociedade iorubá, antes e após a colonização. Em sua análise, a “invenção das mulheres” diz respeito ao fato de que, antes da colonização, na antiga sociedade iorubá, não existia a categoria “mulheres”, porque não havia determinação de gênero dentro de um sistema normativo, ou seja, a sociedade iorubá não era dividida e hierarquizada de acordo com esse critério.

Segundo defende Oyěwùmí (2021), gênero não é um fato biológico, mas sim uma categoria criada com o propósito de dominação. A pensadora aponta a preponderância da biologia nas explicações das diferenças de gênero, raça e classe nas sociedades ocidentais, uma diferenciação expressa como “degeneração”, que é descrita como um desvio, seja ele científico (original), seja moral (comportamental). Com base nessa noção, uma norma é estabelecida de acordo com a biologia

de quem detém o poder, que a fixa como superior e, de modo a afirmar seu privilégio e justificar sua dominação, coloca sobre os “Outros” o desvio: os desviantes, degenerados (Oyěwùmí, 2021, p. 27).

No Ocidente, onde “homens” historicamente concentraram os poderes concretos, econômicos e políticos, essa dinâmica criou “mulheres” como uma categoria subalternizada, hierarquizada dentro da lógica de dominação. Essa diferenciação, assim como a diferenciação racial, foi assegurada pela profusão de discursos científicos e biológicos sobre o corpo. Segundo a autora:

A ideia de que a biologia é o destino – ou, melhor, o destino é a biologia – tem sido um marco do pensamento ocidental por séculos. [...] A noção de que diferença e hierarquia na sociedade são biologicamente determinadas continua a gozar de credibilidade, mesmo entre cientistas sociais que pretendem explicar a sociedade humana em outros termos que não os genéticos. (Oyěwùmí, 2021, p. 27)

Oyěwùmí (2021) argumenta que a opressão de gênero é construída e perpetuada por sistemas simbólicos, discursivos e políticos, e que essas ideias têm reflexos materiais ao estruturar práticas, instituições e relações sociais. Ademais, para a autora, essa diferenciação que separa os corpos segundo a biologia é orientada pela primazia da visão como meio de perceber o mundo:

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar. (Oyěwùmí, 2021, p. 28)

Nesse sentido, a autora diz privilegiar o termo “cosmopercepção” no lugar de “cosmovisão” para tratar da lógica cultural de sociedades que, assim como a iorubá, privilegiam outros sentidos para além da visão. Para a autora, a biologização e a prevalência visual inerentes ao pensamento ocidental da diferença não são universais e, portanto, a imposição desse modo de perceber o mundo provoca efeitos nocivos como o de introduzir problemas ocidentais em sociedades nas quais essas questões originalmente não existiam. Isso pode acontecer mesmo quando a abordagem é crítica, como é o caso do feminismo da segunda onda, que, embora tenha dado um passo fundamental ao compreender gênero como uma construção social, não considerou as especificidades dessa construção em diferentes contextos históricos e culturais. Oyěwùmí (2021) observa que houve uma generalização do privilégio masculino que não se aplica a todas as sociedades, como no caso dos iorubás. A tendência do feminismo ocidental de enxergar as mulheres como vítimas acabou por esmaecer a força e a autoridade que muitas delas possuíam originalmente em suas organizações sociais. Como afirma a autora:

[...] a categorização das mulheres nos discursos feministas como um grupo homogêneo, bioanatomicamente determinado, sempre constituído como desempoderado e vitimizado, não reflete o fato de que as relações de gênero são relações sociais e, portanto, historicamente fundamentadas e culturalmente vinculadas. Se o gênero é socialmente construído, então não pode se comportar da mesma maneira no tempo e no espaço. (Oyěwùmí, 2021, p. 39)

Embora Oyěwùmí (2021) argumente que o gênero não era o fator de hierarquização na sociedade iorubá, isso não significa que ela fosse isenta de hierarquias. A organização do poder, segundo a pensadora, se baseava em outros critérios, como a senioridade – determinada pela idade relacional – e a identidade social, que variava de acordo com as relações e interações estabelecidas. Na cosmopercepção iorubá, que valoriza uma compreensão de mundo mais holística, os papéis sociais eram mais fluidos, com as distinções sendo feitas com base na senioridade, na posição dentro da linhagem e nas relações interpessoais, e não na anatomia ou no sexo biológico. Assim, anteriormente em Oyó-Iorubá, a identidade social era relacional, e não fixada a partir do que se lia de uma anatomia.

A senioridade indicava que as pessoas eram classificadas e tratadas com base na sua idade relativa. Na língua iorubá, que é “uma língua sem especificidade

de gênero”, ou seja, na qual “os nomes e pronomes iorubás não distinguem o gênero” (Oyěwùmí, 2021, p. 234), os pronomes *ó* e *wọ̀n* indicam se alguém é mais jovem ou mais velho, sendo que *wọ̀n* é usado para se referir a pessoas mais velhas independentemente do sexo. Nas interações, a pessoa mais velha tem o privilégio de iniciar a conversa e é respeitada, enquanto a mais jovem deve agir com deferência. Já a hierarquia de linhagem na sociedade iorubá era baseada na ordem de chegada dos membros à linhagem, seja por nascimento, seja por casamento. Os filhos de membros mais antigos da linhagem têm maior autoridade, independentemente do sexo.

Considerando esses critérios de organização, era comum que “mulheres”⁴ ocupassem posições de poder na sociedade iorubá. Isso mudou radicalmente com a colonização, que impôs a lógica ocidental somatocêntrica, que construiu categorias de gênero a partir da biologia e as hierarquizou. Quando os britânicos tomaram o controle do território, excluíram as “mulheres” das posições de poder que elas ocupavam originalmente e as substituíram por chefes “homens” na posição de autoridades locais:

O sistema de governo indireto introduzido pelo governo colonial britânico reco-

⁴ Entre aspas, porque a categoria não existia, segundo a autora.

nheceu a autoridade do chefe masculino no nível local, mas não reconheceu a existência de chefes fêmeas. Portanto, as mulheres foram efetivamente excluídas de todas as estruturas coloniais do Estado. (Oyěwùmí, 2021, p. 188)

Isso quer dizer que a imposição do sistema de gênero pela colonização resultou em consequências materiais ao separar os corpos em categorias binárias hierárquicas e alterou profundamente as estruturas sociais africanas.

Como parte de sua atuação crítica, Oyěwùmí (2016) alude ao poder matripotente e não generificado das *iyás* que prevalecia em *oyó* antes da colonização. Segundo a autora, a organização socioeconômica e espiritual das comunidades iorubás era centralizado nas *iyás* (palavra iorubá normalmente traduzida por “mães”⁵).

As *iyás*, na cosmogonia iorubá, têm também sua reverência expressa pela *iyá* primordial: Oxum. Segundo os mitos fundadores, Olodumarê (ou Olorum) é o ser supremo, criador do universo e guia de um conselho de espíritos divinos, os

⁵ A *iyá* não se alinha ao papel materno segundo a leitura ocidental hegemônica de “esposas subordinadas, fracas, impotentes e relativamente marginalizadas socialmente” (Oyěwùmí, 2016, p. 58). “*Iyá* ocupa um status superior à prole e não se submete ao parceiro sexual: *iyá* é uma mãe não colonial, que encarna o ethos matripotente advindo de Oxum” (Nascimento, 2021, p. 391).

orixás, que foram enviados à Terra. Embora a formação do solo e da vida tenha sido confiada a Obatalá, a plenitude da existência dependia da água, tornando Oxum indispensável (Olupona, 2023, p. 48). Como ìyá primordial, Oxum representa a fertilidade e o princípio gerador da vida, sendo essencial para a sustentação e continuidade da criação: “ela é, junto com a divindade da criação dos seres humanos, a co-criadora, produtora de beleza e bom-caráter, multiplicadora da comunidade e da própria humanidade, liderança política, fonte da ideia de solidariedade, de provimento material e moral” (Nascimento, 2021, p. 392).

Social e historicamente, as ìyás estiveram associadas ao mercado (òjà), lugar das relações econômicas, sociais e de lazer, considerado um espaço feminino por alguns estudos que verificam a prevalência de “mulheres” na criação e manutenção do espaço (Falola apud Oyěwùmí, 2016)⁶. Embora as leituras influenciadas pelos discursos ocidentais de gênero tenham traduzido ìyás como “mulheres” ou “mães”, Oyěwùmí se recusa a traduzir essa palavra no contexto de Oyó, por acreditar que esses termos carregam a generificação hierárquica própria dos sistemas ocidentais de pensamento. Para Oyěwùmí (2016), as ìyás não devem ser enten-

⁶ Oyěwùmí (2016) argumenta, no entanto, que essa associação carrega certa generalização, pois o mercado era um centro social e ritual acessível a todos, apesar da atuação marcante das ìyás.

tidas como “mulheres”, no sentido ocidental, ou “mães”, conforme a acepção restrita da biologia (do sistema reprodutivo), mas sim como entidades que detêm poder e agência por sua capacidade de criar e nutrir a vida, seja na procriação, seja na criação artística e intelectual. Assim, Oyěwùmí (2016) propõe uma leitura decolonial que liberta as ìyás do enquadramento ocidental de gênero, resgata sua centralidade na organização social e cósmica iorubá e as desvincula de uma anatomia específica: “Ìyá não é apenas um corpo, pois a compreensão espiritual de sua identidade é primordial na construção iorubá” (Oyěwùmí, 2016, p.17).

Refletindo o poder da ìyá primordial, Oxum, Oyěwùmí (2016) propõe o oxunismo⁷, que representa uma forma de organização social baseada na inclusão, criatividade e cuidado coletivo. Oxum simboliza essa potência organizadora não apenas na dimensão espiritual, mas também na material, pois é associada à abundância. Segundo a tradição

⁷ O conceito foi inicialmente desenvolvido pela filósofa, artista e teórica nigeriana Nkiru Nzegwu, que identificou em Oxum um poder criativo não subordinante, denominado oxunidade (Nzegwu apud Nascimento, 2021, p. 390). O oxunismo propõe uma epistemologia decolonial, articulando conhecimento, poder e ação política a partir da figura de Oxum, concebida como matriz da humanidade e guia para a justiça social. Fundamentado em princípios de inclusão, responsabilidade e criatividade, o pensamento oxunista se distancia de lógicas destrutivas e hierárquicas, reafirmando a centralidade da ìyá como instituição socioespiritual que transcende a experiência individual da maternidade.

iorubá, Oxum é “signo expansivo, criativo, dinâmico como o fluxo das águas nas quais a divindade se presentifica, Oxum a potência criadora e mantenedora da humanidade que, generosamente, materna coletivamente o mundo” (Nascimento, 2021, p. 389).

Oyěwùmí, portanto, não apenas evidencia a construção histórica e política da opressão de gênero, como também aponta caminhos para sua superação, oferecendo um horizonte teórico e prático para pensar a arte, a ciência e a tecnologia a partir de uma abordagem decolonial. A luta contra a opressão das “mulheres” precisa considerar todas as formas de opressão de gênero e, nesse sentido, é valioso o ensinamento de Oyěwùmí de que “o gênero só é mutável se for construído socialmente como tal” (2021, p.39) e de que sociedades que operam a partir de uma “bio-lógica”, onde as categorias são edificadas com “tijolos biológicos”, solidificam um sistema de organização rígido e opressor.

Ressoa como alternativa, portanto, o convite de Oyěwùmí ao oxunismo, nos oferecendo o poder primordial da matripotência, desvinculado da concepção de gênero, para que possamos repensar a criação e a manutenção do mundo sob a influência das águas fluidas e potentes de Oxum.

Filósofa e socióloga Oyèrónkẹ Oyěwùmí, autora de *A invenção das mulheres*. Foto: Wikimedia Commons.



REFERÊNCIAS

MARIANTE, José Henrique. Candidata extremista de Musk na Alemanha ganha palanque planetário. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 31 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/01/candidata-populista-de-musk-na-alemanha-ganha-palanque-planetario.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2025.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Em torno de um pensamento oxunista: òyá descolonizando lógicas de conhecimento. *Revista de Filosofia Aurora*, [s. l.], v. 33, n. 59, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27938>. Acesso em: 19 mar. 2025.

OLUPONA, Jacob Kehinde. *Religiões africanas: uma brevíssima introdução*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. Matripotência: òyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas (iorubás). Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. *Matripotency: òyá in Philosophical Concepts and Sociopolitical Institutions*. What Gen-

der is Motherhood? New York: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92.

SIMÃO, Heloisa Pinheiro de Castro. Pode o homem árabe existir? A desumanização cotidiana da vida árabe masculina sob o olhar ocidental. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pode-o-homem-arabe-existir-a-desumanizacao-cotidiana-da-vida-arabe-masculina-sob-o-olhar-ocidental/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

WIKIMEDIA COMMONS. Oyèrónke Oyèwùmí. [S.l.]: Wikimedia Commons, [s.d.]. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_Oy%C4%9Fw%C3%B9m%C3%AD.jpg. Acesso em: 19 maio 2025. Licença: Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0).

Como citar esta publicação (ABNT):

CANABRAVA, Yas Navarro. *A invenção das mulheres*. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 69-75. Livro eletrônico.

A LÍNGUA É VIVA

Cristiane B. Futagawa [Sushi]

@crisushi

“Você leu Karl Marx, mas não falou com sua avó.”

Nêgo Bispo n’ A Feira do Livro de 2023

A frase que abre este texto indica bem a toada do curso e deste livro que reúne os escritos das mulheres convidadas para compartilhar seus saberes e fazeres nos encontros do curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. Se a ideia de ciência imposta pelo mundo cristão ocidental a partir do século XVII ditou um modelo patriarcal e individualista de conhecimento, baseado na mente de um ser solitário e racional, separado do mundo – como idealizado pela ciência cartesiana –, em especial na última década os saberes orgânicos, que trazem em seu cerne as experiências coletivas e ancestrais de seres integrados à natureza e embebidos em sua espiritualidade, têm vindo à tona e permitido desinvisibilizar modos de se estar no mundo muito mais plu-

rais, poéticos e respeitosos à vida e à coletividade. E afirmar vida, em tempos de necropolítica, não é pouca coisa.

As cosmopercepções de matriz africana e indígena são terreno fértil para nos reconectar com outros seres e com nosso corpo. Segundo elas, não há separação entre mente e corpo; este não nos trai com seus sentidos falhos, como nos fez crer Descartes. Em especial nas sociedades em que a oralidade é o principal meio de transmissão de conhecimento, o corpo é o guardião da memória, é nele que está inscrita a história coletiva e a ancestralidade. É ele que sente, toca, escreve, escuta, fala.

A escritora e linguista brasileira Conceição Evaristo, em entrevista ao podcast *Escute as mais velhas*, fala que, ao se estudar os poemas escritos por pessoas negras no final dos anos 1970 e anos 1980, percebeu que eles traziam “uma afirmativa muito positiva da nossa negritude [...], os nomes africanos, as roupas africanas, o black power, o rastafari [...], as lutas de libertação das ex-colônias portuguesas”. Aproximando-se do conceito de *escrevivência*, criado por ela, continua: “Para mim, era uma poesia em que a autoria, o sujeito criador, estava intimamente ligado com a voz do texto, com o sujeito que se anunciava no texto. Então comecei a pensar que era um texto em que o autor escrevia se vendo e vivendo. Aí fiz a *escrevivência*: escrever se vendo, escrever vivendo”.

A teórica e escritora norte-americana Saidiya Hartman fala da “história contada de dentro do círculo”, daquela que rejeita a visão externa da história oficial e é narrada a partir da experiência vivida, da memória encarnada e do ponto de vista daqueles que foram historicamente silenciados ou marginalizados.

Trazer à tona memórias e vivências silenciadas e nos posicionarmos a contrapelo da história oficial demanda rever nossa postura em relação à linguagem, implica fazermos dela um instrumento de resistência e criação, e termos sempre em mente que a língua é viva. Exatamente por essa razão, ela é incerta e cambiante. Então, é muito importante questionarmos determinadas regras, repensarmos sempre os parâmetros a partir dos quais nos balizamos quando vamos escrever e quando vamos trabalhar a linguagem. Por que era um erro escrever presidenta? Por que religião e filosofia estão nos dicionários e cosmopercepção não? Quantos preconceitos podem estar velados em uma simples regra de concordância nominal? Deixar de usar certas expressões em respeito a grupos estigmatizados por elas pode gerar uma transformação imensa na sociedade.

Sabemos também que tudo o que vive e está em relação no mundo está imerso em um ambiente político. E sob esse aspecto, a escolha das palavras e como as articulamos é um elemento privilegiado nesse tecido social que se revela cada

vez mais pautado por processos automatizados. Tanto os saberes escriturados quanto os oralizados, ao serem transmitidos, abrem muitas interlocuções e compartilhamentos entre narrador, autor, leitor, espectador, receptor, criando, com isso, muitas oportunidades para afetar e ser afetado.

Abro parênteses aqui para trazer um pouco da teoria dos afetos do filósofo Espinosa (que foi contemporâneo de Descartes, no século XVII). Segundo ele, a alegria é o afeto que aumenta nossa potência de existir e de agir. É justamente essa alegria, que nos encoraja para vida e para ação, que podemos celebrar juntas nesta publicação tão plural e abridora de caminhos.

Como citar esta publicação (ABNT):

FUTAGAWA, Cristiane Bonora. A língua é viva. In: MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025, p. 76-77. Livro eletrônico.

TECNOLOGIAS FEMINISTAS: ARTES, SABERES E MULHERES PLURAIS

Conselho editorial

Cristiane B. Futagawa [Sushi]

Larissa Macêdo

Yas Navarro Canabrava

PUBLICAÇÃO DIGITAL

Curadoria, mediação e organização

Larissa Macêdo

Revisão e preparação de texto

Cristiane B. Futagawa [Sushi]

Direção de arte

Yas Navarro Canabrava

Agradecimentos

Ao Sesc Interlagos pelo convite e apoio na realização do curso e desta publicação.

A todos que trabalharam direta ou indiretamente para que este projeto acontecesse e fluísse da melhor forma.

Às intérpretes de Libras pela tradução assertiva, participação e presença ativa.

A todos que participaram dos encontros, com olhares atentos e corações abertos.

À Daniela Carvalho pela presença afetuosa e registros.

Às iabás, à ancestralidade negra e indígena brasileira e a todas que vieram antes e que, com as encruzilhadas e as tecnologias ancestrais, nos possibilitaram chegar até aqui.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tecnologias feministas [livro eletrônico] :
artes, saberes e mulheres plurais / organização Larissa Macêdo.
São Paulo : Ed. das Autoras, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-985494-1-1

DOI 10.70271/250717.1527

1. Artes 2. Feminismo na arte 3. Mulheres na arte
4. Práticas educativas 5. Tecnologia I. Macêdo, Larissa.

25-282918

CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminismo : Sociologia 305.42

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Esta publicação foi realizada como parte do curso *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*, que aconteceu no Sesc Interlagos de 16 de fevereiro a 30 de março de 2025.

A atividade fez parte da programação educativa da exposição *NÓS – arte & ciência por mulheres*, que ficou em cartaz no Sesc Interlagos de 28 de agosto de 2024 a 30 de março de 2025.

A identidade visual da publicação foi concebida a partir de linhas curvas e fluidas que se dobram e se entrelaçam, evocando a multiplicidade das experiências feministas. Essas formas orgânicas remetem à ideia de um espaço em constante construção, que não se fecha em contornos rígidos, mas se expande, se adapta e se transforma. A escolha da cor roxa, reconhecida como símbolo do movimento feminista, reforça essa conexão vi-

sual e afetiva com o histórico de lutas.

As tipografias usadas foram a Avenir e a Redonda.

Esta publicação digital contém 80 páginas.

Setembro/2025.

 CC BY-NC-ND 4.0

Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Esta obra é de acesso aberto. É permitida sua reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Como citar esta publicação (ABNT):

MACÊDO, Larissa (org.). *Tecnologias feministas: artes, saberes e mulheres plurais*. São Paulo: [s.n.], 2025. Livro eletrônico.

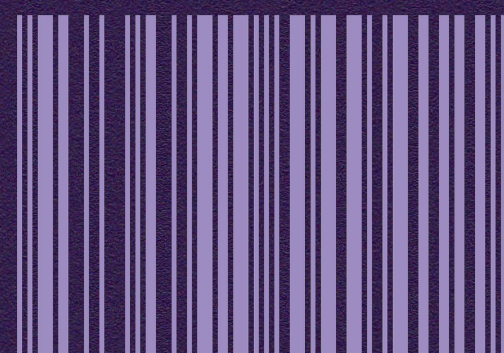
TECNOLOGIAS FEMINISTAS: **ARTES, SABERES** **E MULHERES PLURAIS**

Organização: Larissa Macêdo

São Paulo
2025

ISBN: 978-65-985494-1-1

BR



9 786598 549411

